



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

Memorial do projeto

Curta-metragem:
O CAÇA-INSETOS

Hugo Aurélio R. R.

Brasília - DF

2018

Hugo Aurélio R. R.

Memorial do projeto

Curta-metragem:

O CAÇA-INSETOS

Memorial do projeto apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Audiovisual.

Orientadora: Profa. Erika Bauer de Oliveira

Brasília - DF

2018

Hugo Aurélio R. R.

Memorial do projeto

Curta-metragem

O CAÇA-INSETOS

Memorial do projeto apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Audiovisual.

_____/_____/_____

Membros da banca examinadora

Orientadora

Profa. Erika Bauer de Oliveira

Membro 1

Prof. Mike Peixoto

Membro 2

Prof. Carlos Henrique Novis

Suplente

Prof. Bárbara Cabral

Aos seis anos de Brasília e UnB,

À minha mãe, meu pai, meus irmãos, minhas segundas-mães e
minha prima, sempre me preenchendo com amor,

À memória de Luiz Cam, cineasta, documentarista e cinéfilo; e o
amoroso e atencioso Baby,

Ao VPN (Vem Pra Noia), que marcou meus primeiros anos de
UnB, em especial à AnaL, Anita e Estéfane, pelos inúmeros momentos
que compartilhamos,

A Gabriel Pena, com quem dividi dois apartamentos, um gatinho
maravilhoso, muitas histórias e aprendizados. Pelas descobertas, trocas
intelectuais e, principalmente, pelas afetivas,

A Rodrigo Oliveira, o Trico, pelo tempo em que dividimos
apartamento, e por tantas outras coisas, materiais e imateriais, que
dividimos. Pela amizade, pelo cuidado e amor que sempre levarei em
meu coração,

À Bianca Carrari, por todo tempo em que moramos juntos, pelo
fortalecimento mútuo, pelas boas risadas, pelo crescimento cultural e
emocional que ela me proporcionou e as lições de empatia,

Às Vagabundas do DF, minha família candanga, que me trouxe
amor, boas histórias, risadas gostosas e força para seguir em frente.
Martha, Nathália, Patrícia, Maurício, Bessoni e Daniel estarão sempre
em meu coração,

A Tom Mota, pela amizade e lealdade, pela confiança mútua e
pelas inúmeras trocas,

A Rafael de Gois, pela amizade, pelas conversas sobre o mundo e a vida, e por me presentear com o livro de Sade, A Filosofia na Alcova,

À Kiki House of Caliandra (e ao Vogue / Ballroom), pelo acolhimento e senso de coletividade, pelas descobertas e lições de autoconfiança e amor próprio,

A Nescau Bola, doçura em forma de gato, que me ensinou muito sobre amor, carinho e cura,

Agradecimento especial aos professores Erika Bauer, Mike Peixoto e Clarissa Motter, por todo o aprendizado que me possibilitaram, o carinho e o acolhimento,

E a todas as professoras e professores, técnicos, terceirizados, colegas e amigos da UnB que contribuíram à minha jornada.

“Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura.”
(FOUCAULT, 1988, p.11).

RESUMO

O presente trabalho integra o projeto de conclusão de curso de Comunicação Social, com ênfase em Audiovisual, da Universidade de Brasília e apresenta o roteiro de curta-metragem “O Caça-Insetos”, um filme do gênero drama fantástico, com duração média de 25 minutos, retratando o *bug-chasing*, prática sexual controversa ligada ao mundo LGBTQ e à soropositividade. O roteiro aborda um episódio vivido por Levih, um jovem gay periférico, que presencia a repetida aparição de uma luz misteriosa, ao mesmo tempo em que vários insetos tomam conta de seu quarto. Neste memorial, apresenta-se as motivações por trás da pesquisa que levou à produção deste roteiro, explorando as escolhas discursivas e estéticas envolvidas na escrita de “O Caça-Insetos”, e busca-se fazer um paralelo entre o *bug-chasing* e as práticas sadomasoquistas.

Palavras-chave: *bug-chasing*; sadomasoquismo; LGBTQ; HIV; soropositividade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. OBJETIVOS	11
3. JUSTIFICATIVA	12
4. APRESENTAÇÃO	14
4.1 Do meu olhar	14
4.2 De outros olhares	15
5. METODOLOGIA	21
6. DESENVOLVIMENTO	25
6.1 O Alarde	25
6.2 As Narrativas	28
6.3 As Possibilidades	31
6.4 Os Elementos Simbólicos	33
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
8. REFERÊNCIAS	41
8.1 Bibliografia	41
8.2 Filmografia	42
ANEXO A – Roteiro	43
ANEXO B - Storyline e Descrição de Personagens	66
ANEXO C - Questionário aplicado com “Papa Jay”	69

1. INTRODUÇÃO

“O Caça-Insetos” é um roteiro para curta-metragem que busca discutir o *bug-chasing* enquanto uma prática influenciada pelos imaginários sociais vinculados às comunidades LGBTQ e soropositiva, tal como associar os personagens envolvidos nesta prática sexual com as figuras do sádico e do masoquista, pensando a relação do *bug-chasing* enquanto um acontecimento sadomasoquista.

O *bug-chasing* é a busca por infectar-se com o vírus HIV através de relações sexuais consentidas sem o uso de preservativo. É uma prática que se iniciou na década de 1980, nos Estados Unidos, assim que se deu a epidemia da AIDS e logo se espalhou pelo mundo, especialmente a partir da democratização da internet. Tanto no contexto estadunidense, quanto no brasileiro, assim que foi percebida a extensa proliferação do vírus, uma certeza se constituiu, fruto da conjunção da realidade vivida por inúmeros homens gays e mulheres transexuais (principal grupo de risco neste primeiro momento) e a maneira como o imaginário social sobre o HIV foi construído. Essa certeza era de que sendo LGBTQ, à época, você iria contrair o HIV e, conseqüentemente, desenvolver a AIDS mais cedo ou mais tarde.

Dentro do contexto em que ser parte da comunidade LGBTQ implicava em carregar a culpa pela epidemia e, ainda, uma sentença de morte, um grupo de homens gays passou a buscar ativamente o vírus. Muitos partiam da ideia de que contrair HIV seria um alívio, e representaria, finalmente, poder se relacionar sexualmente sem se preocupar em infectar-se, por já ter sido infectado antes, fato que, hoje em dia, já se provou errado.

Nos dias atuais, ser soropositivo não é uma sentença de morte. A realidade é outra: foi desenvolvida a terapia anti-retroviral, com o objetivo de controlar, e até tornar indetectável a infecção pelo HIV no organismo, sendo que o Brasil produz todos os medicamentos e consegue distribuí-los gratuitamente aos que estão em tratamento. Há, ainda, prevenções especialmente desenvolvidas para atender os chamados grupos de risco, sendo elas a PrEP e a PEP. A primeira é a Profilaxia Pré-Exposição, utilizada para aumentar as possibilidades do corpo de expulsar o vírus, caso haja a infecção pelo mesmo. A segunda é a Profilaxia Pós-Exposição, utilizada em casos onde o contato com o vírus já tenha ocorrido. (UNAIDS, 2017b).

Mesmo com todos esses avanços, soropositivos ainda enfrentam muito preconceito, sendo ligados ao imaginário de pânico construído durante a epidemia. Esta construção conferiu ao

portador do vírus HIV algumas características que o distanciariam do ser considerado “normal” pela sociedade, isto é, o ser normativo. Para tal entendimento, parto do conceito de *heteronormatividade* proposto por Judith Butler (2003), que contribui para explicar as bases das construções sociais que nos formam enquanto sujeitos sexuais, isto é, como nos relacionamos com a sexualidade e o gênero.

O imaginário social do sexo construído a partir da Primeira Revolução Industrial é uma discussão frequente na obra de Michel Foucault, tal qual o é nas obras dramatúrgico-filosóficas de Marquês de Sade. Os escritos de ambos os franceses, assim como a Teoria *Queer* de Butler, contribuíram muito para meu entendimento sobre a sexualidade como uma forma de controle social, estabelecida para manter certos sujeitos em evidência, e levar à margem outras expressões de corpos e prazeres.

O sexo heteronormativo – isto é, inserido na lógica da *heterossexualidade compulsória* – é uma ferramenta social cuja implicação é a validação do sistema sexo-gênero que compreende a obrigatoriedade da identidade de gênero como correspondente ao sexo biológico designado ao nascimento e, também, o desejo sexual exclusivamente pelo sexo oposto, conseqüentemente, a estigmatização de todas as outras formas de se relacionar com a identidade de gênero e a sexualidade. (BUTLER, 2003).

Essa construção, por se basear em um discurso moralista, muitas vezes influenciado pela religião, transfere para a figura do homossexual (como dos vários outros LGBTQ’s) uma carga transgressora que é automaticamente vinculada à negatividade.

A partir de minhas observações pessoais, assim como do estudo sobre HIV e o *Queer*, pude perceber semelhanças nas construções dos imaginários vinculados às duas comunidades que busco discutir neste trabalho. A vivência tanto de pessoas LGBTQ, como de pessoas soropositivas, carrega estigmas relacionados ao sexo. A primeira é marginalizada por evidenciar outras possibilidades de sexualidade que fogem à norma, e a segunda, por se tratar de uma infecção transmitida, na maioria dos casos, no ato sexual.

A ligação de ambas comunidades com o ato sexual, vinculada ao fato de os primeiros contágios pelo vírus terem sido, em maioria, por homens homossexuais e mulheres transexuais, acredito eu, foi o ponto de partida para se concretizar uma intersecção entre os imaginários sociais de ambas as comunidades. Há uma expectativa social, que percebo em minha experiência pessoal enquanto homem gay, de que estes dois sujeitos que integravam o primeiro grupo de risco – gays

e mulheres trans – imprimam uma forte e constante erotização e sejam percebidos como seres altamente sexuais, o que, numa leitura moralista, é entendido como promiscuidade.

Essa expectativa do convívio social LGBTQ de que os seres se apresentem dessa forma pode ser percebida, inclusive, na forma como o cinema muitas vezes trabalha personagens gays e trans, partindo de tramas muito sexuais, deixando de trabalhar as personagens com mais profundidade e complexidade.

Todas essas inquietações me levaram a escrever o roteiro para curta-metragem **O Caça-Insetos**, em que me aproprio do personagem *bug-chaser* para propor a discussão sobre tais semelhanças de imaginário social compartilhadas entre os soropositivos e os LGBTQs.

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo central a construção de um roteiro de curta-metragem experimental, que me permita discutir o *bug-chasing*. O trabalho conta com um memorial onde exponho as indagações e percepções que me levaram a eleger o *bug-chaser* como um sujeito de interesse.

Como primeiro objetivo específico, pretende-se relacionar este sujeito com os estigmas carregados pela comunidade LGBTQ – em especial homens gays e mulheres transexuais – e pelas pessoas soropositivas, partindo da crise do HIV/AIDS, nos anos 1980, como marco para a construção deste imaginário interseccional que influencia a visão da sociedade sobre ambos os grupos.

Pretende-se ainda, traçar um paralelo entre os sujeitos do *bug-chasing*, nas figuras do *gift-giver* e do *bug-chaser* (respectivamente doador de presentes e caçador de insetos, em tradução livre), e os sujeitos das relações de sadomasoquismo, o sádico e o masoquista.

3. JUSTIFICATIVA

Muitos anos após a epidemia da AIDS ter início, nos encontramos em um cenário diferente. O coquetel de combate a esta infecção sexualmente transmissível (IST) já foi desenvolvido e tem se tornado cada vez mais acessível, em várias partes do mundo; a possibilidade de se discutir homofobia, saúde LGBTQ, e soropositividade cresceu muito, assim como a disponibilidade de informação. Mesmo nesse novo cenário, o *bug-chasing* ainda é praticado.

“**O Caça-Insetos**” é um roteiro para curta-metragem que coloca em foco o *bug-chasing*, possibilitando pensá-lo enquanto prática influenciada pelos imaginários sociais construídos historicamente de pessoas LGBTQ – que performam sexualidades e gêneros dissonantes à normatividade – e pessoas que contraem IST’s, tendo como foco a soropositividade, pela relevância da epidemia mundial de HIV/AIDS dos anos 1980 para a construção de ambos os imaginários.

O formato de curta-metragem se mostrou interessante para a realização deste trabalho, por permitir maior experimentação sem ser, porém, dispendioso. O roteiro é a ferramenta audiovisual escolhida como produto para avaliação desta banca de Projeto de Conclusão de Curso, por ser um espaço onde se pode contar histórias e confabular sobre vivências utilizando-se de simbolismo e construção imagética como formuladores de discursos.

Enquanto pessoa LGBTQ, consigo perceber as confluências desses imaginários das comunidades LGBTQ e soropositiva na minha construção enquanto sujeito. As percepções sobre as relações existentes entre os dois imaginários me trouxeram o desejo de compreender as intersecções entre o sujeito LGBTQ e o sujeito soropositivo.

Pus-me, então, a pesquisar mais sobre a epidemia do HIV, as políticas públicas que buscam inserir a população soropositiva e que buscam o controle das infecções, de forma a minimizar a proliferação do vírus. Foi durante esta busca por informações, que me deparei com o *bug-chasing*. Em um artigo na internet, descobri esta subcultura, e me questionei o que levaria uma pessoa a querer contrair o HIV; o que esta pessoa esperava de uma vida como soropositivo.

Levando em consideração a peculiaridade da prática do *bug-chasing* e a importância de se discutir soropositividade e vivências LGBTQ, encontrei no *bug-chaser* um sujeito cujas construções discursivas muito me interessaram.

Foi, porém, fora do meio acadêmico que encontrei maior clareza sobre tais intersecções.

No contato com discussões sobre práticas sexuais transgressoras, e como elas são potência para a transformação do modo como lidamos com o corpo, a sexualidade e o prazer, que compreendi porque há tanto em comum entre as comunidades aqui discutidas.

Um dos principais referenciais teóricos de que me utilizo é o texto dramático “A filosofia na alcova *ou escola de libertinagem*” de Marquês de Sade, que filosofa sobre o sadismo, e utiliza a combinação de ato sexual e violência para discutir o moralismo instituído no sexo, assim como em toda a sociedade e suas instituições.

Outro referencial teórico de grande importância para esta pesquisa é Michel Foucault, especialmente suas discussões sobre os discursos do sexo historicamente construídos, e as formas de controle biopolítico dos corpos e subjetividades. Em sua obra “A História da Sexualidade”, o filósofo francês busca, no período vitoriano, pistas para compreender o porquê do sexo ser, até hoje, um tabu, e como isso afeta as construções de sujeitos sociais.

O Marquês de Sade viveu até próximo do início da Era Vitoriana, marco temporal proposto por Foucault. É interessante perceber como suas obras já apresentavam, narrativamente, algumas das observações sobre a sociedade que Foucault viria a discutir. Os dois autores franceses têm escritas muito diferentes, mas em ambas as leituras me senti contemplado pela maneira como o sexo é percebido dentro do contexto social que habitamos.

4. APRESENTAÇÃO

Para contar minha história, primeiro, tenho que apresentar-lhes as bases necessárias para a compreensão das minhas motivações ao escolher esse tema e produzir o roteiro para curta-metragem **O Caça-Insetos**.

4.1 Do meu olhar

Pensar o sexo é intrínseco à minha vida, e tem sido assim desde muito cedo. Não foi algo que partiu de mim, com naturalidade, mas foi se incorporando ao meu modo de pensar o mundo e ver a mim mesmo. Crescer como um garoto gay, negro e afeminado, certamente, fez emergir a urgência de falar de sexo, de torná-lo discursivo para mim, e assim, de me construir intimamente a partir dele. Quando atingi uma certa idade, as coisas se tornaram mais claras para mim; pude ter um entendimento melhor de como o sexo foi colocado em minha vida como questão de tamanha importância. Ser um menino afeminado em meio a crianças, que tão naturalmente reproduzem inúmeros preconceitos e ideias engessadas (constantemente discursadas pelos adultos) implica em carregar o fardo de ser homossexual, mesmo que ainda não houvesse desejo sexual algum. Somos forçados a nos constituirmos a partir do sexo, antes mesmo de sermos sexuais.

Foi esse o caso para mim, como é para tantos outros meninos e meninas que se veem impelidos a tornar o sexo discursivo, sem necessariamente o fazer por vontade própria. Hoje percebo com clareza quais foram meus primeiros contatos com o imaginário socialmente construído do que é ser gay. É lindo observar como inúmeras identidades que são construídas a partir disso se tornam um exercício de liberdade e autorrealização. Coisa que também me aconteceu, a partir do momento em que comecei a aprender a lidar com os vários discursos que meu corpo imprime na vivência em sociedade, e dar sentido a eles da forma que eu compreendo o mundo e desejo me inserir nele.

Com mais alguns anos de atenta observação do que este imaginário social da homossexualidade diz sobre mim, percebi, também, uma comum relação estabelecida entre o homossexual e uma alta carga de desejo sexual — a libido — especialmente no caso dos homens gays — e acredito que mulheres transexuais e travestis também. A homossexualidade é lida como

altamente sexual, em essência. Essa expectativa de que estes corpos se relacionem com o sexo de forma extremada me causou a estranha necessidade de, mais uma vez, buscar nesse discurso a delimitação da minha identidade, entender como eu me inseria ali.

Paralelamente a essas percepções, e durante o curso de Audiovisual na Universidade de Brasília, me aproximei das discussões sobre soropositividade. A importância de se pensar a inserção do soropositivo na sociedade e de lidar com o HIV de maneira aberta e clara direcionou muito o que eu pretendia produzir como Trabalho de Conclusão de Curso na Faculdade de Comunicação. Foi a partir desse momento em que me debrucei sobre o HIV e as infecções sexualmente transmissíveis (IST's), que percebi uma conexão entre a homossexualidade e a soropositividade, a respeito de imaginários sociais: a confluência em ambos de uma sexualidade vista como excessiva.

Ambos os imaginários permeiam discussões que nossa sociedade evita de forma displicente, pelo desconforto de lidar com tabus sociais ligados ao sexo. São questões que, mesmo não se falando abertamente sobre, estão ativamente constituindo discursos e delimitando imaginários.

4.2 De outros olhares

Tenho Michel Foucault como importante referencial para todo o estudo que me propus a fazer a partir das percepções de confluências entre os dois imaginários. Na obra de 1984, “História da Sexualidade I - A Vontade de Saber”, o autor discorre sobre o que ele chama de hipótese repressiva, investigando construções discursivas que se baseiam na ideia de que o sexo é reprimido, porém, não com o objetivo de classificá-la como falsa, negando a existência de mecanismos de repressão sobre o sexo, mas no sentido de “recolocá-la numa economia geral dos discursos sobre o sexo no seio das sociedades modernas a partir do século XVII” (FOUCAULT, 1988, p.15).

Foucault sugere o período vitoriano como ponto de partida para discorrer sobre a recorrência de uma percepção da sociedade como repressiva em relação ao sexo e a sexualidade, e as dinâmicas discursivas do sexo, que ele compreende como um “regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana” (Ibid., p.15), isto é, mecanismos de poder que influenciam objetiva e subjetivamente as relações e percepções que nossa sociedade

produz a respeito do sexo.

Por meio de um apanhado histórico, o autor explicita a “obrigação tão peculiar ao Ocidente Moderno de colocar o sexo em discurso” (FOUCAULT, 1988, p.23), e isso me leva diretamente ao Hugo criança. Como já disse antes, mas é sempre bom ressaltar, eu fui uma criança afeminada (ou criança-viada, como prefiro), por isso, logo fui apontado como gay. As minhas ações mais naturais e genuínas, que muito antes de estarem relacionadas à minha sexualidade, faziam parte da personalidade que eu, aos poucos, construía, eram vistas por muitas pessoas como indicativo de que eu viria a ser homossexual. Não se tratava, porém, de vir a ser, porque os olhares, os dizeres, os toques e os não-me-toques, os silêncios e as risadas já me confirmavam que eu o era. Assim se tornou uma questão com que tive de lidar. Antes mesmo que eu fosse estimulado sexualmente de forma mais consciente, eu já sabia que algo em mim era motivo de conflito, e tudo indicava que tinha a ver com sexo. A necessidade de colocá-lo em discurso, para mim, talvez venha daí.

Mesmo com essa percepção do sexo como discursivo, é visível que este está submetido a uma série de mecanismos de repressão. Eu sabia que as minhas características que faziam com que me apontassem como gay eram motivo suficiente para discussão, mas esta nunca era feita de forma aberta e pessoal. Inúmeras crianças-viadas que cresceram no Brasil, certamente, se sentiram não pertencentes, abjetas, pelo contato que experienciaram em seu ciclo social, nos dedos apontados, nas palavras agressivas ou nos “muitos silêncios [que] atravessam os discursos” (Ibid., p.29). Não é somente sobre elas não poderem expressar o que lhes torna crianças-viadas, mas sobre essas expressões serem discursivamente indissociáveis do sexo.

A mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-o nos corpos, introdu-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem, natural da desordem. Exclusão dessas milhares de sexualidades aberrantes? Não, especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo. (Ibid., p.43).

No caso das IST's, especialmente o HIV/AIDS, novamente o sexo é indissociável ao discurso, por estas serem mais frequentemente ocasionadas pelo ato sexual sem preservativo, que é o caso do maior número de contágios pelo HIV ainda hoje. Na visão de uma grande parcela da sociedade, IST's estão relacionadas a irresponsabilidade, in consequência e, principalmente, promiscuidade. Falar de pessoas que vivem com HIV implica em falar de sexo, e comumente, esse

dizer traz à tona a moralidade e puritanismo que regem boa parte da construção discursiva ocidental (FOUCAULT, 1988, p.23).

É nesse ponto que eu compreendo uma relação entre o sujeito homossexual e o sujeito soropositivo: no âmbito discursivo, ambos têm seu exercício sexual pautado numa ideia de promiscuidade, como se fosse da essência do gay e do soropositivo ter um desejo sexual além do natural. Acredito que se tratando de homens gays, existe ainda a interferência do machismo, que permite ao homem ser sexual com maior liberdade. É claro que a homossexualidade continua sendo mal vista, mas a ideia de um homem gay ser sexualmente ativo é recebida com menos surpresa do que se uma mulher ocupasse essa posição, especialmente se esta se relaciona com mulheres.

À medida que fui delimitando meu desejo de falar sobre os imaginários interseccionais gay e soropositivo, ficou claro que meu ponto de partida deveria ser a epidemia de HIV/AIDS ocorrida no início dos anos 1980, primeiramente nos Estados Unidos, mas, que logo chegou ao Brasil. Entendo que, a partir daí, surge o imaginário da soropositividade, sendo este muito influenciado pelo imaginário LGBTQ, e também pelo impedimento que já existia de se falar em IST's.

Acredito que a produção de sujeitos, identidades e subjetividades seja efeito de práticas discursivas, que se modificam ao longo do tempo, modificando, por sua vez, os sujeitos que são produzidos por elas. Ser social é carregar significados e também produzi-los, a partir de uma matriz de significações compartilhada por uma sociedade. O que Foucault chama de hipótese repressiva, os mecanismos que ela utiliza, acredito eu, integram esta matriz discursiva que produz a experiência do ser social, isto é, o sujeito. Imaginários sociais são sobre delimitar através de significações; traçar um território comum a um grupo de pessoas, incluindo caracteres que se relacionem discursivamente a eles, e excluindo outros. São dinâmicas discursivas. Ler os trejeitos de uma criança-viada como indicativos de homossexualidade é parte da proposta discursiva do imaginário social LGBTQ (não à toa, damos a ela o nome de “criança-viada”), assim como pensar que todos os homens gays se interessam por moda ou maquiagem. Pude observar, especialmente dentro da universidade, a expectativa social de que eu, como gay, colocasse meu desejo sexual em discurso constantemente, como se houvesse uma vontade irrevogável, da minha parte, de falar de sexo a qualquer momento, tendo ou não intimidade com a pessoa.

É como se imaginários do homem gay e do HIV se encontrassem num lugar de devassidão, perversão ou libertinagem. Assim chegamos à segunda grande referência para este trabalho: o

libertino Marquês de Sade. Autor, filósofo e dramaturgo que viveu na França entre o final do século XVIII e começo do século XIX, pouco antes do início da Era Vitoriana, Sade escreveu muito sobre a libertinagem. Ele encarava os prazeres da carne como instintos de natureza humana, que, como qualquer outra necessidade fisiológica, deveria ser saciada à maneira que agradasse cada indivíduo; além de retratar a Igreja como instituição farsante que quer manter o poder a qualquer custo, e cujos seguidores estão fadados a uma vida sem sentido e a terem suas liberdades individuais e instintivas cerceadas pelo moralismo. Um dos assuntos filosóficos mais abordados na dramaturgia “A Filosofia na Alcova ou escola de libertinagem” (1795) do Marquês é a visão das práticas sexuais não reprodutivas como atos criminosos, cuja culpa ele atribui à Igreja, especialmente ao cristianismo.

Se há uma coisa revoltante sobre o mundo é ver os homens, que não conhecem o seu deus e o que ele pode exigir, a não ser através de suas ideias limitadas, querer, assim mesmo, decidir sobre a natureza do que satisfaz ou irrita esse ridículo fantasma de sua imaginação. Não quereria, pois, que nos limitássemos a permitir indiferentemente todos os cultos; desejaria que se fosse livre para rir ou brincar com todos; que homens, reunidos em qualquer templo para invocar à sua maneira o eterno, fossem vistos como atores de cujo trabalho é permitido escarnecer. [...] Portanto, não será demais repetir: não mais deuses, franceses, [...] se não preferirem que seu funesto poderio vos torne a mergulhar, dentro em breve, em todos os erros do despotismo; mas só os destruireis rindo deles [...] (SADE, 1999, p.127).

Em seu apanhado histórico da sexualidade, Foucault fala sobre como os mecanismos de repressão das práticas sexuais não reprodutivas, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, se modificaram e se tornaram mais complexos, e como isso afetou a formação de sujeitos. Seus escritos também apontam, num primeiro momento, a Igreja como força que tornou o sexo discursivo, e, conseqüentemente, priorizou expressões e práticas em detrimento de outras tidas como imorais. Apesar de não o fazer da mesma maneira passional de Sade, Foucault imprime na Igreja um papel de bastante importância. O autor também identifica o campo jurídico como forma de cerceamento das liberdades sexuais, quando algumas práticas eram tidas como, de fato, criminosas, e ele aponta a diferença dessa forma de construção discursiva, para a médico-terapêutica, que se introduziu nessa miscelânea discursiva a partir do século XVIII — a influência de um ponto-de-vista que, à priori, tratou as sexualidades não normativas como desequilíbrios psíquicos, perturbações do instinto.

É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada [...] menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1988, ps.42/43)

Quando Foucault diz que o homossexual passa de um reincidente — como alguém que, repetidamente, insiste em cometer o crime da sodomia — para uma espécie, compreende-se a formação, mais determinante, de um sujeito social da homossexualidade, cujas vivências, de maneira geral, nunca escapam à sexualidade (Ibid., p.42). Essa visão patologizante da libertinagem (ou práticas sexuais não-normativas) vai de encontro ao pensamento de Sade, de que qualquer prática sexual que se desejar é válida, por ser inspirada pela natureza (SADE, 1999, p.144).

Ler Sade é caminhar por lugares extremos das práticas sexuais e dos discursos sobre o sexo, é a celebração e defesa filosófica da libertinagem. Na obra do Marquês que escolhi para referenciar nesta pesquisa, o autor cria uma situação, à base de sete diálogos, em que dois membros da aristocracia francesa - um homem gay e uma mulher bissexual, que têm a libertinagem como filosofia - guiam a debutante Eugenie, filha de um rico comerciante, pela descoberta dos prazeres sexuais. Em meio às lições eróticas, são propostas reflexões sobre o moralismo incitado pela religião, entre outras instituições sociais; a hipocrisia da sociedade industrial francesa; e a natureza humana irrevogavelmente egoísta.

A leitura me levou ao BDSM, que são práticas eróticas envolvendo disciplina, dominação e submissão, e sadomasoquismo, sempre de forma consensual e com limites acordados. O BDSM é uma dentre as várias práticas sexuais transgressoras que estão inseridas na libertinagem vivida e teorizada por Sade. Parece óbvio, ao meu ver, que sempre houve tais práticas, talvez com outros nomes, ou funcionamentos um pouco distintos. Sade não criou a libertinagem, nem mesmo a prática do sadismo. Mas sua contribuição filosófica expressiva e sua maneira explícita de escrever o mantém, até hoje, como uma das grandes figuras do mundo do erotismo e da violência.

Já focado em estudar o HIV, vasculhando a internet em busca de informações, me deparei com o *bug-chasing*. Inúmeros fóruns denunciavam a prática, em sua maioria, com alarde. A resposta dos internautas que participavam das discussões, quase sempre, vinculavam ao *bug-*

chaser um caráter patológico, como uma grande disfunção mental e de caráter, que levaria um indivíduo a fetichizar a soropositividade. Confesso que, a priori, também observei o *bug-chasing* por essa ótica. Mas, quanto mais eu lia sobre, e mais confuso ficava, menos resolutivo me parecia discutir a prática de maneira tão superficial e maniqueísta. Quais eram as motivações do *bug-chaser*? Como esse sujeito construiu seu entendimento da sexualidade e da soropositividade e, mais ainda, como se construiu a partir disso? Com essas pontuações, podemos, enfim, adentrar a discussão do *bug-chasing* e, em seguida, sua inserção no roteiro “O Caça-Insetos”.

5. METODOLOGIA

A pesquisa, como já dito anteriormente, surgiu a partir das percepções que tive acerca da necessidade imposta a alguns indivíduos de se produzirem discursivamente dentro do sexo, e da expectativa de uma sexualidade exacerbada que habitaria os corpos LGBTQ assim como os soropositivos. As leituras sobre HIV me levaram ao *bug-chasing*, e elegi a subcultura não apenas como tema de interesse, mas como objeto de estudo para este trabalho.

No início de 2017, quando a ideia surgiu, eu cursava a disciplina Documentário Brasileiro, na Faculdade de Comunicação, e lá desenvolvi como trabalho final da disciplina um projeto de documentário sobre o tema que agora abordo neste trabalho. Meu objetivo era tornar o projeto da disciplina meu Trabalho de Conclusão de Curso no Audiovisual, realizando um curta documental sobre o tema, com relatos de alguns *bug-chasers*, assim como recortes de imagens e cenas de jornais, mostrando a construção histórico-midiática do imaginário do soropositivo, vinculado ao imaginário LGBTQ, à época da epidemia, nos anos 1980.

Entendendo, percebi que para realizar um documentário, eu precisaria de amplo contato com esses indivíduos, e imaginava que isso não seria fácil, o que me fez, aos poucos, desistir do documentário e focar em uma produção mais possível de se concretizar em pouco tempo. Surgiu-me a ideia de fazer um roteiro de ficção abordando a prática. Eu sabia que realizá-lo demandaria dinheiro e mais tempo, que eu não tinha disponíveis.

A partir de quando decidi que meu produto seria um roteiro, tanto pelo dispêndio financeiro envolvido na realização, quanto pela possibilidade de criar sem pensar na praticidade das escolhas, entendi que meu próximo passo seria me aproximar dos pensamentos que guiam as práticas sexuais desses indivíduos. Para tanto, escolhi dois caminhos centrais: consumir materiais que contribuíssem para entender, na medida do possível, a narrativa e a vivência dos *chasers*, e falar com alguns deles diretamente.

O primeiro dos caminhos era consideravelmente mais fácil, e pude colocar em prática rapidamente. Pesquisei filmes - ficcionais e documentários - abordando a prática, li alguns artigos e depoimentos em blogs, assisti a vídeos (tanto palestras, como vídeos-desabafo) falando abertamente sobre a subcultura e seus praticantes. Os materiais a que tive acesso esclareceram algumas dúvidas, mas me colocaram outras.

Em meados do primeiro semestre de 2017, resolvi colocar em prática o segundo caminho

que escolhi para me aproximar do sujeito *bug-chaser*: busquei nos bate-papos disponíveis na internet, tais quais “Bate-Papo UOL” e “Disponível.com”, salas voltadas especificamente para o *bug-chasing*. Ao entrar, eu já me identificava como pesquisador, por entender que minha intenção ali deveria ser transparente e, caso alguém optasse por compartilhar suas experiências comigo, o faria de maneira voluntária, sabendo quem eu era e o que eu pretendia. Inicialmente, alguns me respondiam, de forma a me integrar à conversa, mas o *chat* em conjunto era usado para contatos despreziosos que, provavelmente, levariam dois usuários a uma conversa particular, em que poderiam falar sobre seus desejos e, enfim, combinar um encontro. Eu comecei a mandar mensagens privadas para vários usuários, explicando minha vontade de conhecer melhor seus pensamentos, e minha pretensão de escrever um roteiro para curta-metragem, visto que as interações na conversa em grupo nunca me rendiam retorno. Após algumas tentativas, descobri que esse não seria o melhor caminho.

O próximo passo, foi procurar grupos no *Facebook* com o intuito de *chasers* e *gift-givers* se conectarem. Encontrei alguns e solicitei participação em todos. Fui aceito por apenas um deles, que é estadunidense, administrado por um senhor de 72 anos da Carolina do Norte (EUA). Ao ser aceito no grupo, olhei o conteúdo que havia sido postado até aquela data. Assim como nos *chats online*, a maioria das publicações falavam sobre coisas banais e pretendiam iniciar uma interação entre os usuários. Antes de adentrar esses espaços virtuais, criei uma expectativa de que a conversa seria bem mais direta, quase fria, mas percebi, logo de cara, que estes indivíduos não buscam apenas o HIV, mas buscam construir relações e se constituir enquanto grupo.

Dentre as várias publicações que li, encontrei Papa Jay, o homem de 72 anos de que falei. Assim como havia feito nos bate-papos, escolhi alguns perfis que encontrei no grupo do *Facebook* para contatar em particular. Novamente, não houve resposta. Dessa experiência, entendi que minha abordagem podia ser o que afastava os interlocutores de mim. Então, reformulei meu *approach* e retornei aos bate-papos e ao grupo no *Facebook*. Agora me colocando como um garoto que acabara de descobrir a prática e queria saber mais sobre ela. Nas salas virtuais, alguns me deram atenção e até responderam algumas perguntas iniciais. Todas, porém, eram questões que eu já compreendia pela leitura inicial sobre a prática. Fora uma tentativa de ganhar a confiança dos usuários, mas que, logo, eu entendi como antiética, por falsear minhas intenções e utilizar das informações coletadas sem o consentimento daquelas pessoas. Então, a única opção foi abortar o plano. Deixei de lado a expectativa de conhecer um *bug-chaser* diretamente. Até que, quase um ano depois, com a

pesquisa e o roteiro já bastante encaminhados, recebi uma resposta.

Era Papa Jay, que resolvera olhar as solicitações de mensagens em seu *Facebook*. Por não sermos amigos na rede social, minha mensagem fora encaminhada para a pasta de *spams*, o que dificultou que Jay a encontrasse na época em que mandei. Mesmo com uma janela de vários meses, o senhor decidiu me responder, dizendo que teria prazer em tirar minhas dúvidas e me ajudar a compreender suas motivações.

Desde então, temos conversado bastante. Inicialmente de maneira mais objetiva, mas, após ele demonstrar abertura, fui afetado por sua história, e começamos um processo muito mais sobre troca, do que coleta de informações. Ainda no início das minhas tentativas de contato, eu havia montado um questionário com seis perguntas para serem respondidas pelos *bug-chasers* que retornassem minha mensagem. Sendo Papa Jay o único que me respondeu, só apliquei o questionário com ele. O questionário aplicado está na aba de anexos deste trabalho.

Tendo alguns materiais já separados, que me ajudaram a entender quais pontos principais eu deveria abordar na história, os relatos de Jay somaram-se ao conjunto. Ele, ainda hoje, é uma pessoa com quem eu mantenho contato e fico feliz quando percebo que ele se sente confortável de se abrir para mim e que ele enxerga em meu desejo de fazer um filme sobre essa realidade uma maneira de aproximar os outros dos sentimentos e dores que ele compartilha com tantos outros *chasers* incompreendidos e demonizados. Se pude constatar algo nas conversas com Jay é que ele não é louco, nem doente, mas que ele teve uma vida difícil, repleta de abusos, os quais o acostumaram a uma noção inferior de si, que ele acredita ter como solução a conversão sorológica. Papa Jay ainda hoje, aos 72 anos, é *bug-chaser* não soroconvertido, que busca, em atos sexuais sem preservativo, encontrar um parceiro positivo para HIV que o transmita o vírus.

Uma das vontades que eu tinha, desde que decidi abordar o *bug-chasing*, era fazer um paralelo entre a prática e o sadomasoquismo, por compreender que, em ambos os casos, há um consentimento de duas partes para a realização de práticas compreendidas como violências. No caso da subcultura do *chasing*, me parecia estranho que alguém que sabe da vivência de um soropositivo aceitasse passar o vírus adiante, e isso me remeteu ao sadismo. Como uma espécie de cinismo, ao saber que a pessoa terá de se adaptar a uma série de coisas a partir do momento em que contrair o vírus, e não necessariamente aquele indivíduo a quem se passa o vírus está ciente de tudo isso. Imagino que muitos *bug-chasers* tenham visões extremamente deturpadas do que é a soropositividade, até por encontrarem nesta condição uma espécie de salvação para outros

problemas e sofrimentos, é perceptível que eles não possuem uma visão completa da realidade que eles estão buscando.

Jay me fez perceber, porém, que há, entre os *bug-chasers*, aqueles que entendem o vírus e o que ele acarreta, e praticam a soroconversão com o intuito de não se medicarem e morrerem em decorrência do vírus. Caso que, infelizmente, é o de Papa Jay. Ele perdeu um amante de muitos anos para a AIDS e, desde então, não vê propósito e felicidade na vida. Como solução para tanto, e ainda uma espécie de compensação pelo parceiro falecido, Jay deseja contrair o HIV e esperar até que ele o cause o mesmo destino que teve seu amado. Uma de suas falas que mais me tocou, e me fez entender a urgência de ouvir os *bug-chasers* sem demonizá-los, foi o pedido de Jay para que eu não o visse como louco e que era completamente compreensível tudo o que ele vivia. Por mais que eu não entenda seu sentimento, sei que a vasta experiência humana é abertura suficiente para as mais inesperadas interpretações de mundo, incluindo uma em que o HIV seja visto como uma dádiva e a soroconversão como uma solução para qualquer problema que seja.

Justamente por ver nessa interpretação um problema de grande urgência, entendo que todos os esforços possíveis para combater essa narrativa são válidos. A maneira como eu escolhi contribuir nesta luta pelo reposicionamento dos sentidos, isto é, do discurso, foi através desse roteiro. Espero poder realizá-lo em breve, e que ele seja potência para as discussões sobre esta prática.

6. DESENVOLVIMENTO

6.1 O Alarde

A subcultura do *bug-chasing* me causou estranhamento e muitas dúvidas. Felizmente, pude encontrar esclarecimentos a partir do documentário em longa-metragem estadunidense, escrito e dirigido por Louise Hogarth, “The Gift” (2003). O filme retrata esta prática, fazendo um breve apanhado histórico da epidemia do HIV nos anos 1980, e se utilizando de depoimentos de *bug-chasers* que já haviam se infectado com o vírus, assim como de outros soropositivos e também pessoas com *status* sorológico negativo.

O documentário é forte, chocante, e causou muita controvérsia quando foi lançado. Os indivíduos que ali revelaram suas histórias foram recebidos por um público discursivamente influenciado por ambos os imaginários de se ser homossexual e soropositivo. O fato de eles terem buscado espontaneamente a infecção pelo HIV lhes conferiu caráter doentio, perigoso, culpado e até suicida. Não havia permissão moral nem mesmo para que o público se comovesse com aquelas histórias. Foi como (re)experienciar, em menor escala, o pânico social vivido nos Estados Unidos da década de 1980, durante a epidemia.

Ao meu ver, um dos maiores êxitos do filme foi a busca por construir uma narrativa mais profunda e diversa do *bug-chasing*, em detrimento a um enquadramento patológico e demonizador da prática. A inclusão de vários pontos de vista aproxima o espectador àquele universo e humaniza o *bug-chaser*. Não é sobre naturalizar a ideia de contrair o HIV. A intenção do documentário é justamente alertar sobre essa realidade, explicitar que ela não pode ser ignorada, e servir de reflexão àqueles que estão entrando no mundo do *chasing*.

Ao longo dos depoimentos, comecei a compreender algumas percepções que estes sujeitos têm em relação ao sexo e a soropositividade. Se trata de uma visão descompassada das liberdades sexuais e, principalmente, do que é viver com HIV. As principais motivações destacadas no documentário são o fato de muitos terem perdido amigos e amantes para a AIDS e, com isso, sentirem culpa por estarem vivos e serem soronegativos, como se isso traísse a memória daqueles que haviam partido; a noção de que, sendo homossexual, eventualmente a infecção pelo vírus aconteceria, e para acabar com a ansiedade do *status* de sorologia negativa, buscar o vírus era uma

solução prática; e, por fim, a busca por pertencimento, pautada na sensação de que ser soropositivo, à época, tinha um forte significado de grupo. Numa sociedade estruturalmente lgbtqfóbica, como ainda são o Brasil e os Estados Unidos, ser abertamente LGBTQ significava ser estigmatizado e marginalizado por uma parcela da sociedade. Quando aqueles que sempre estiveram do mesmo lado que você, de repente, estão marcados socialmente pelo HIV e a AIDS e passam a lutar juntos contra mais uma estigmatização, o gay soronegativo se encontra deslocado, sem pertencer nem aos hegemônicos, nem aos companheiros de comunidade. Pouco depois da epidemia ter início, a sorologia positiva rapidamente se tornou a realidade de inúmeros LGBTQ's. Mais do que carregar o vírus, a soropositividade era estar inserido em um comunidade.

Essas linhas de pensamento são completamente compreensíveis em um cenário recente de epidemia, em que as pesquisas científicas sobre HIV/AIDS eram incipientes e tudo ainda estava sendo processado, com muita dificuldade, pela sociedade. Hoje em dia, porém, quase quatro décadas após o primeiro caso de AIDS diagnosticado no mundo, os conhecimentos disseminados a respeito da soropositividade são extensamente mais completos. Ainda assim, muitos homossexuais continuam buscando ativamente o vírus. Há sites e fóruns em redes sociais que facilitam que *bug-chasers* e *gift-givers* se encontrem. A prática é mais frequente em grandes cidades, onde há grande concentração de pessoas, mas, em questão etária, atinge desde os mais novos, que ainda estão iniciando sua vida sexual, até os mais velhos.

Nesse grande espectro de praticantes, há percepções muito discrepantes sobre a soropositividade e o *bug-chasing*. Há os mais velhos, que vivenciaram a epidemia e se encaixam nas motivações geradas pelo pânico social, como a culpa pela soronegatividade, a vontade de pertencer a uma comunidade e a noção fatalista de que o HIV é futuro profetizado a todo homossexual; e há, entre os praticantes de menos idade, uma percepção de que, pelo número e qualidade de tratamentos antirretrovirais disponíveis, o HIV não seja um problema sério ou um impedimento para práticas sexuais sem uso de preservativos.

Em entrevista concedida à CNN em junho de 2003, quando questionada pelo entrevistador a respeito de um depoimento presente no documentário, Louise Hogarth defende que muitos jovens têm percepções equivocadas sobre o que é ser infectado pelo HIV, sobre o que isso acarreta. Doug Hitzel, um dos entrevistados no longa documental, fala sobre como sua visão a respeito da soropositividade e das práticas sexuais sem proteção mudou após a soroconversão (passagem da sorologia negativa para a positiva): “Eu achei que faria muito sexo promíscuo sem camisinha. Eu

não sabia que tudo iria mudar tão rapidamente. Ninguém me contou.”. Neste momento, é importante fazer uma diferenciação entre o *barebacking* e o *bug-chasing*. A primeira refere-se à prática sexual sem uso de preservativo, amplamente difundida na comunidade LGBTQ, como também na heterossexual. Já a segunda, apesar de também recusar o uso da camisinha, o faz com o intuito de realizar a soroconversão. Ela ocorre tanto em trocas sexuais com parceiros casuais, quanto em festas sexuais organizadas para este fim, chamadas *conversion parties* (festas de soroconversão em tradução livre). Doug, enquanto adepto do *bug-chasing*, imaginava que, após se tornar soropositivo, praticaria o *bareback* sem mais riscos.

Quando Doug Hitzle fala sobre não ter sido informado das consequências da soroconversão, ele desvela essa percepção equivocada da soropositividade, que perpassa a comunidade *bug-chasing*, e que pode ser encontrada, mas não obrigatoriamente, na comunidade *barebacking*; além de denunciar uma falha no processo de conscientização em relação ao HIV/AIDS. Segundo dados do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), após o último pico da epidemia, em 2004, estamos vivendo, de 2010 para cá, um aumento significativo no número de infecções pelo HIV entre pessoas de 18 a 25 anos (UNAIDS, 2017b). Esses dados mostram uma resposta negativa aos esforços dos Estados e organizações de saúde em disseminar, efetivamente, informações importantes sobre as IST's. Mas de que maneiras se dá essa descomunicação?

Há uma mão-dupla na educação sobre HIV/AIDS e IST's em geral, no Brasil e no mundo, que, acredito eu, é fortemente influenciada pelos mecanismos da hipótese repressiva de Foucault. A Saúde Pública demanda do Estado e de outros agentes sociais falar sobre sexo e IST's, com o propósito de educar a população, para que cada indivíduo, dotado de informações, possa prezar por práticas sexuais responsáveis consigo mesmo e com o próximo; ao mesmo tempo, porém, essa discussão é altamente estigmatizada. A carga discursiva carregada pelas IST's e o HIV tem tamanho impacto social, que o diálogo a respeito delas se torna difícil, sendo vistas, muitas vezes, como “problemas de homossexuais / transexuais”, e posicionando o indivíduo normativo muito distante da possibilidade de ter que lidar com elas. O mutismo; a recusa de tocar nesses assuntos reforça o distanciamento do sujeito àquele imaginário. (UNAIDS, 2017a).

Colocando de maneira prática, há pessoas que compreendem as IST's como realidades alheias à sua esfera social, por serem questões marginalizadas, estigmatizantes; logo, evitar discutilas com a seriedade proposta pelas organizações e agentes de saúde se torna uma ferramenta

individual para validar seu posicionamento em relação àquele universo. Neste ato, o sujeito torna discursivo seu caráter normativo e, de quebra, ratifica a estigmatização do sexo, das “sexualidades periféricas” (FOUCAULT, 1988, p.40) e das pessoas portadoras de IST’s, como o soropositivo. É na produção de significações que delineiam-se os imaginários sociais, e com a repetição dessas construções, uma força discursiva se perpetua, reivindicando, assim, uma normatividade. Também é importante ressaltar que algumas camadas da população têm menos possibilidades para acessar informações educativas sobre sexo. Acredito que, nesses casos, este fator se soma ao primeiro, contribuindo para que essas discussões sejam evitadas.

6.2 As Narrativas

Após o primeiro contato com essa subcultura, através do documentário “The Gift”, surgiu o interesse de produzir algo relacionado a ela. O documentário se mostrou um material muito rico para mim, por trazer tantos relatos e experiências diferentes de um mesmo tema. Passei a procurar mais obras que retratassem a temática, e logo encontrei “*Bug-chaser: Coração Purpurinado*” (2017), produção teatral nacional, com texto e encenação por Ricardo Corrêa. O monólogo foi apresentado em São Paulo, o que me impossibilitou de assisti-lo, mas, na pesquisa que antecedeu a construção da peça, a equipe produziu o minidocumentário “No Sigilo” (2017), reunindo entrevistas anônimas com *bug-chasers* brasileiros. Este produto audiovisual se somou ao filme de Louise Hogarth como material de pesquisa para que eu construísse meu roteiro. Em seguida, fui atrás de obras audiovisuais narrativas que abordassem a temática, para tê-las como referência e poder observar as escolhas feitas para delinear o personagem *chaser*. Encontrei apenas dois curtas-metragens narrativos abordando o *bug-chasing*, ambos estadunidenses, realizados na segunda década do século XXI. Neste momento do trabalho, irei apresentar as sinopses dos curtas e fazer uma breve análise sobre questões técnicas, estéticas e discursivas.

Parto da ótica dos Estudos Culturais para entender a importância das produções audiovisuais para a construção e perpetuação de imaginários. O cinema, assim como outros meios de comunicação, é ferramenta discursiva que, ao mesmo tempo que é afetada pela realidade, a afeta. É parte integrante da dinâmica de uma sociedade; compartilha seu sistema de valores e significações e, ao utilizar-se dele, pode manter discursos já difundidos, como também subvertê-

los. A proposição discursiva do cinema é uma “tarefa ininterrupta de alterar a realidade” (WILLIAMS, 1969, p.284), o que o torna um instrumento poderoso, cuja utilização deve ser responsável. É nesse ponto - a função social do cinema - que os dois curtas-metragens acima citados me decepcionaram.

Fazer um filme sobre *bug-chasing* exige não apenas pesquisa, como a clareza do discurso que se quer transmitir, especialmente quando o título da obra faz referência direta à subcultura. Saber que pessoas que nunca ouviram falar sobre esta prática podem ter o seu filme como referência àquela realidade implica em construir imaginários. No caso específico do *bug-chasing*, ao meu ver, deve-se prezar, em especial, por duas coisas: uma representação não patológica do sujeito, e a não-romantização de sua narrativa.

O primeiro curta que encontrei foi “*Bug Chaser*” (2012), de Ian Wolfley, uma mistura de comédia e horror *gore* que conta a história de um rapaz entre 25 e 35 anos que, durante um encontro erótico casual, percebe um detalhe na roupa do parceiro, que indica que ele possa ser soropositivo. Durante as preliminares, o segundo homem descobre uma ferida no ânus do protagonista, o que corta a tensão sexual. Durante a noite, a ferida cresce e lhe causa muita dor e vômitos. Desesperado, ele procura na internet maneiras de resolver seu problema, o que o leva a tentar extrair o ferimento, ele próprio, com álcool e uma agulha. Após falhar, ele pede ajuda a um médico, que também é seu parceiro casual. O rapaz tenta convencê-lo a consultar um especialista, mas o protagonista se recusa e, mais uma vez, tenta resolver sozinho. Dessa vez, ele usa uma faca, pois o ferimento já ocupa toda a nádega direita. Em uma cena bastante gráfica, ele arranca o ferimento, agonizando de dor. Por fim, volta a cena inicial, no momento em que o protagonista percebe o detalhe na roupa do amante, indicando que tudo que ocorrera fora imaginado por ele, como uma premonição, dando-lhe, novamente, a chance de escolha de consumir, ou não, o ato sexual com um rapaz possivelmente soropositivo. Confirmando sua posição de *bug-chaser*, o protagonista beija o parceiro, insinuando que optou por manter a relação sexual.

Em questões técnicas e estéticas, o filme se destaca por uma boa utilização do *gore* para construir tensão, valendo-se de um conflito bem trabalhado na narrativa - as tentativas desesperadas de livrar-se de uma ferida causada por uma infecção sexualmente transmissível que apareceu em seu ânus, e cresce rapidamente. O clímax do arco narrativo se dá no momento em que o protagonista tenta, pela segunda vez, extrair o ferimento, utilizando a faca no lugar da agulha. Há bastante sangue na cena e um longo plano detalhe da infecção, agora bastante disforme, com

tecido muscular do glúteo direito exposto. Apesar de o conflito ser bem trabalhado ao longo da narrativa, o final do roteiro não é inovador, mesmo que seja propício para trazer a questão da busca ativa pela infecção (não fica claro, porém, se o filme trata especificamente do HIV, ou de qualquer IST). Os elementos estéticos *gore* estão situados, especialmente, nas duas cenas em que o protagonista tenta extrair o ferimento, mas também são perceptíveis no ritmo do filme, que mantém uma atmosfera angustiante a partir do momento em que se estabelece o conflito - o personagem percebe o ferimento em seu ânus -, e na trilha sonora que contribui para criar tensão em torno do ferimento.

Discursivamente, porém, algumas questões do filme tem de ser pontuadas. Primeiramente, falar sobre *bug-chasing*, entendendo toda a problemática que perpassa esta subcultura, exige comprometimento ético com o discurso que se deseja levar às telas, lembrando que o cinema é ferramenta discursiva muito poderosa na construção de sentidos, imaginários e identidades. Trazer esta prática tão controversa dentro de uma narrativa que se apoia na comédia e no exagero gráfico para contar sua história é, no mínimo, perigoso. À maneira como esta história foi contada, as IST's são vinculadas ao horror, à monstruosidade, ao que é nojento e desagradável, e o soropositivo, na figura do primeiro parceiro sexual do protagonista, é representado como truculento, alguém que não seria confiável. A presença do *gore* confere um tom ilusório e hiperbólico à narrativa, que, de maneira rasa, pode associar ao *bug-chaser* um caráter doentio. O fechamento da história também não me agrada, por ser um desfecho muito repetido em obras audiovisuais. Finalizando a análise, gostaria de chamar atenção para um ponto positivo. A presença do ato sexual homo no filme, incluindo nudez explícita, me agrada pela maneira como ela é proposta. Na cena, a câmera não busca erotizar os corpos, mas deixar a ação acontecer de uma maneira orgânica, o que é interessante no sentido de contribuir à naturalização do sexo gay nas telas. Entendo, porém, que dentre os LGBTQ, o gay em cena é, certamente, o mais palatável para o grande público. Quando as relações trazem outras personagens da sigla, há maiores chances de rejeição.

Já o segundo curta-metragem, “*Chaser*” (2013), de Sal Bardo, nos apresenta um professor de literatura, de família judia bastante conservadora, à qual ele não se sente pertencente. Sentindo-se desestimulado, o protagonista procura consolo na cena *barebacking* de Nova Iorque, e participa de uma *conversion party*. Ao final do curta, o protagonista está prestes a deixar o local da festa, quando o recepcionista pede seu número e o convida para tomar café. O professor aceita o convite e aparenta animado, como se tivesse surgido um motivo para deixar o *barebacking* e as

experiências como *bug-chaser* para trás.

Este foi ainda menos interessante. O filme propõe conflitos, como uma cena em que a família almoça junta, explicitando as dificuldades relacionais entre o professor e os pais, numa tentativa de complexificar o personagem. Mas, a cada momento em que suas angústias são expostas, mais genérico o personagem se torna, de forma que suas motivações para ter decidido se aventurar no *barebacking* não ficam claras, mesmo quando se percebe ser este o intuito da cena. Roteiro, atuações, conflitos, entre outros elementos técnicos e estéticos são fracos.

O curta também apresenta uma cena de sexo, que se dá na festa de soroconversão, quando vários homens, em sequência, penetram o protagonista. Durante toda a cena da festa, aparecem vários homens nus, seja no ato sexual, ou sentados relaxando. Em todas as ocasiões, percebi uma discreta erotização dos corpos. Nada que tangenciasse o pornográfico, até porque, o filme recusa a nudez frontal, mesmo quando os corpos em cena continuam sendo erotizados. Um possível efeito dessa escolha, é uma leitura glamourizada do *barebacking/bug-chasing* pelo espectador, o que seria um desserviço à saúde pública.

Ambos os filmes me trouxeram questionamentos e reflexões pertinentes sobre as narrativas propostas e as formas como um tema tão ímpar e cheio de problemáticas pode ser apresentado. Certamente, os dois curtas contribuíram para a construção do meu roteiro, especialmente no que se refere a decisões que eu não tomaria, ou caminhos alternativos que eu escolheria.

6.3 As Possibilidades

O BDSM já me interessava bastante havia um tempo. Não só pelo efeito discursivo que ele carrega, mas também por seu apelo estético. Desde as últimas décadas do século XX, reflexo de uma geração que propôs a liberação sexual e do uso de substâncias recreativas, surgiram novos sentidos discursivos do sexo. As referências a estes erotismos que cruzam as fronteiras de uma sexualidade normativa têm sido recorrentes desde então. No cinema, podemos encontrar exemplos da reinscrição dos discursos do sexo através do imaginário fetichista, como em “Salò ou 120 dias de Sodoma” (1975) de Paolo Pasolini, “Ata-me!” (1989) de Pedro Almodóvar e “De olhos bem fechados” (1999) de Stanley Kubrick. Estes filmes brincam com as possibilidades trazidas pelas sexualidades não-normativas e, não por acaso, esses três o fazem através de uma aproximação

destas ao perverso, sempre entendendo o sexo como uma expressão do egoísmo do ser humano, cuja fonte de prazer pode, muito bem, residir na dor alheia. Sade diz que

“só no interesse próprio é que devemos amar as pessoas; amá-las por elas mesmas é apenas um engano; não se vê a natureza inspirando aos homens outros atos, outros sentimentos que não sejam aqueles destinados a servir para alguma coisa; ninguém é mais egoísta que a natureza: portanto, sejamo-lo também se pretendermos cumprir suas leis.” (SADE, 1999, p.107).

Mesmo não pertencendo ao cinema, acho válido evocar o videoclipe da canção *Erotica* (1992), homônima ao oitavo álbum de estúdio da cantora Madonna, por considerar o videoclipe um formato audiovisual muito versátil e poderoso, e por enxergar nesta obra da cantora *pop* o arrebatamento estético do BDSM e o potencial discursivo proposto pela música.

Ter acesso à obra de Sade certamente direcionou mais meu olhar para diferentes expressões do sexo. A potência discursiva do BDSM e das práticas libertinas passava constantemente pelo meu pensamento, e nelas, pude reconstruir meu contato com os discursos do sexo que me fazem sentido, validando uma experiência social e sexual que eu considero mais natural e criativa. Essa construção se deu fora da academia, e me parecia, muitas vezes, mais enriquecedora que muitas discussões propostas dentro da universidade. Não no sentido de desvalidar o conhecimento científico, que, bem sei, é de extrema importância para o desenvolvimento de uma sociedade, mas no sentido de me compreender como um ser que produz pensamento e conteúdo a partir de outra lógica. Daí minha vontade de trazer para meu trabalho acadêmico uma referência como Marquês de Sade. Sua maneira pouco convencional de transmitir um pensamento que, até hoje, incomoda uma grande parcela da sociedade, é algo que diz mais respeito a mim do que muito do que vivi e presenciei dentro da universidade. O desconforto gerado por Sade é reflexo de uma sexualidade contida, muda, hipócrita, encerrada pelo moralismo (FOUCAULT, 1988, p.9).

Ao conhecer mais a fundo a prática do *bug-chasing*, especialmente após conversar com Papa Jay, foi muito lógico fazer uma ponte entre a relação estabelecida pelos personagens desta prática, e os indivíduos envolvidos em um ato sadomasoquista (S/M). Mesmo que ambas acarretem em resultados distintos, sendo os do S/M hematomas e dores musculares, enquanto a outra resulta na soropositividade e tudo que ela pode resultar, as duas práticas são consentidas.

Foucault compreende o S/M como a “erotização do poder e (...) das relações estratégicas”

(FOUCAULT, 2011, p.11) e, por isso, ele se torna tão interessante, pois ele se pretende um jogo alheio às relações de poder instituídas no mundo. Ele é uma criação de duas ou mais pessoas, e elas têm a escolha sobre as relações estratégicas que serão estabelecidas naquela ocasião. O sádico e o masoquista podem expressar seus desejos, que, numa relação sexual heteronormativa, seriam vistos como sórdidos, sem levarem aquela carga para as pessoas que elas são no seu dia-a-dia. Se trata, verdadeiramente, de desconstrução e reconstrução, de criatividade e das mais variadas possibilidades que se puder desejar.

“o S/M (...) é a criação real de novas possibilidades de prazer, que não se tinha imaginado anteriormente. A idéia de que o S/M é ligado com uma violência profunda e que essa prática é um meio de liberar essa violência, de dar vazão à agressão é uma idéia estúpida. Nós sabemos muito bem que essas pessoas não são agressivas entre elas; que elas inventam novas possibilidades de prazer utilizando certas partes estranhas do corpo — erotizando o corpo. Eu acredito que temos uma forma de criação, de depósito de criatividade, dos quais a principal característica é o que chamo de dessexualização do prazer. A idéia de que o prazer físico provém sempre do prazer sexual e a idéia de que o prazer sexual é a base de todos os prazeres possíveis, tem, penso eu, verdadeiramente algo de falso. O que essas práticas de S/M nos mostram é que nós podemos produzir prazer a partir dos objetos mais estranhos, utilizando certas partes estranhas do corpo, nas situações mais inabituais, etc.”. (Ibid., ps.263/264).

Essa dessexualização do prazer de que Foucault comenta, a mim, se assemelha à produção de prazer como ocorre no *bug-chasing*. O prazer não reside (ou, ao menos, não se resume) no ato sexual propriamente dito, mas na ideia de que aquele ato pode ocasionar a soroconversão. Seja para o *bug-chaser*, cujo tesão está intimamente ligado ao “risco” de contrair o HIV, ou para o *gift-giver*, cujo desejo se relaciona à possibilidade de infectar alguém que deseja se tornar soropositivo. Um, como o masoquista, é punitivo, autodestrutivo. O outro, como o sádico, se satisfaz com a experiência alheia da dor e sofrimento.

6.4 Os Elementos Simbólicos

Meu material de pesquisa estava formado. Os pontos em que eu queria tocar com o roteiro e a parte teórica do memorial também estavam claros. Só me restava escrever o roteiro. Ao pensar sobre a história que eu contaria, uma das primeiras questões que levantei foi a localidade em que

iria acontecer. A partir de tudo que eu havia consumido sobre *bug-chasing*, estava claro que era um fenômeno presente, em especial, em grandes cidades, e que se utilizava da *internet* como ferramenta de contato. Sendo assim, optei por não delimitar uma cidade onde o roteiro se passaria; bastava utilizar as cenas externas para evidenciar que se tratava de um grande centro urbano, que possibilita maior aglomeração de adeptos ao *bug-chasing*, logo, mais chance de ocorrerem festas de soroconversão.

O título **O Caça-Insetos** faz referência direta à prática sexual abordada no filme, como uma tradução livre do termo em inglês *bug-chaser*. Tendo como referencial os curtas estadunidenses já citados, decidi que, diferente deles, eu gostaria de aludir à subcultura erótica através de metáforas imagéticas. As cenas de sexo, mesmo que presentes no roteiro, não seriam as pistas principais para evidenciar que o tema retratado é o *bug-chasing*. Minha intenção foi trazer para os conflitos do roteiro e as ações do protagonista o sentimento paradoxal de prazer e sofrimento, junto da excitação gerada pelo risco, que são próprias da prática do *chasing*. Não é só sobre o ato de contrair o HIV, mas sobre a adrenalina de se colocar em situações em que esta possibilidade possa se tornar realidade.

Acho interessante citar, inicialmente, os elementos simbólicos vinculados ao personagem Levih e à metáfora visual do “caçador de insetos”, por representarem o cerne do roteiro. Em seguida, destrincharei os outros simbolismos e relações presentes no filme.

Há dois conflitos principais, que ocorrem paralelamente ao longo do curta-metragem. Um deles é referente ao misterioso ponto luminoso que surge, inesperadamente, para Levih, e o atrai a uma busca visceral. Por mais que o ponto não pareça fazer sentido, especialmente no início, foi uma das primeiras imagens que me vieram à cabeça, quando comecei a delinear o roteiro de **O Caça-Insetos**. O conflito do ponto de luz que aparecia indiscriminadamente, e desaparecia pouco depois, fazendo com que, a cada nova aparição, Levih ficasse mais curioso e angustiado para alcançá-lo e capturá-lo, foi minha maneira de representar a busca ativa pelo vírus da AIDS. Por mais distorcida que possa ser esta visão, o HIV é colocado, por *bug-chasers*, como uma solução. Por isso quis representar o ponto luminoso como um objeto de luminosidade errante, inconstante, distanciando-o da ideia de iluminação, no sentido de consciência, e posicionando-o como a luz intermitente ao fim do do túnel, isto é, uma esperança farsesca, que não tem o real potencial resolutor que dela se espera. Pensando justamente nesta significação, defini que o fechamento deste conflito - a cena 39 - se passaria em um túnel, consistindo no momento em que Levih

consegue, finalmente, agarrar o ponto luminoso, para examiná-lo de perto.

Em outro ponto desse conflito, na cena 26, eu utilizo a perseguição ao ponto luminoso para trazer a questão do risco e a excitação gerada por ele, nas relações de *bug-chasing*. Nesta cena, o garoto caminha, à noite, para a casa de Carlos, quando é surpreendido pela luz. Esta vai em direção a um terreno com mato bastante alto, e uma espécie de trincheira no centro, com uma madeira fina e frágil ligando um lado a outro do terreno, como uma ponte. Eu especificuei que o terreno não acumula lixo e entulho, apenas mato alto, para que não houvesse a possibilidade de se ler o HIV como algo vinculado à sujeira. Levih corre, desatento, atrás do ponto luminoso, até que este se apaga e o rapaz se percebe em cima daquela madeira. A madeira remete a instabilidade, insegurança, inconstância, que se soma à metáfora do ponto de luz errante. A reação de Levih ao se perceber neste lugar dialoga com o risco, que é fetichizado na experiência do *bug-chaser*. Ainda sobre essa relação com o risco, o segundo - e último - *insert* presente no roteiro, que se trata do programa jornalístico a que os pacientes na fila de espera do CTA assistem, retoma a escolha deliberada de colocar-se em situações arriscadas. A jornalista conta sobre um caso real de um blogueiro chinês que filmava a si mesmo escalando arranha-céus sem usar equipamentos de segurança para postar em redes sociais. O jovem veio a óbito quando se desequilibrou e caiu do 62º andar de um prédio empresarial.

O segundo conflito do roteiro, também de natureza fantasiosa, consiste na aparição repentina de uma espécie de caixa de marimbondo no teto do quarto de hóspedes de Geraldo, onde Levih dorme, assim como a presença de inúmeros insetos que nela habitam. Ao longo do curta, a morada dos insetos, como o número destes, cresce exponencialmente. Este elemento metafórico faz referência à epidemia do HIV, que, mesmo hoje, ainda tem mostrado números crescentes de infecções, inclusive no Brasil, e justamente pela faixa etária à qual o personagem pertence, dos 18 aos 25 anos. Estes dados foram retirados do relatório mais recente, até a data de apresentação do presente trabalho, do UNAIDS (2017b), que contém informações sobre a situação da epidemia do HIV no Brasil. O crescimento da colmeia faz alusão ao aumento do número de infecções, devido, especialmente, a jovens que veem nos tratamentos antirretrovirais, assim como na PrEP, a possibilidade de fazer sexo desprotegido, o que evoca a ideia de que se viver com HIV não envolve dificuldades, nem estigmatização ou privações. O elemento narrativa é retomado na penúltima cena do curta, em que ocorre uma festa de soroconversão. Enquanto várias pessoas fazem sexo no chão de uma sala, a caixa e os insetos ocupam o teto do local. A presença destes funciona como

um lembrete de que a epidemia continua crescendo.

Fora os dois conflitos centrais, há outros elementos da narrativa que contribuem para que o roteiro atinja o potencial discursivo pretendido desde o princípio. Um destes são os segredos e silêncios que perpassam as relações de Levih, especialmente com seu tio Geraldo. O silêncio é mais do que o desconforto, é a negação de uma realidade, o “mutismo” a que Foucault se refere (FOUCAULT, 1988). Quando tio e sobrinho optam pelo silêncio em detrimento a compartilharem suas vivências, ambos estão seguindo uma demanda social de não se tocar abertamente em algumas questões, no caso, a homossexualidade e a soropositividade. Apenas em um momento de desconfiança e raiva, Levih toca no assunto da homossexualidade e tenta instigar o tio a falar sobre sua sorologia, mas Geraldo prefere manter os silêncios. A decisão de inseri-los foi pela proposição do afeto como uma arma poderosa de resistência às forças estratégicas que delimitam como o sexo deve ser colocado em discurso. Se ambos não tivessem vivido suas vidas impelidos a manter suas verdades silenciadas, as experiências de Geraldo poderiam alertar o sobrinho sobre o que era, de fato, a vida de uma pessoa soropositiva. Onde há poder, há resistência; e os afetos são potência que, quando se mostram perigosas às estruturas hegemônicas, são condenadas ao mutismo. (FOUCAULT, 2011, ps.263/264).

Da mesma forma que estas forças discursivas produzem os silêncios, elas também produzem a estigmatização. O fato de Geraldo optar por não viver sua homossexualidade livremente, assim como não falar sobre sua sorologia, é sinal da opressão que ele viveu por tanto tempo. A estigmatização dos corpos LGBTQ e soropositivos é exposta ao espectador através, principalmente, dos silêncios e das falas e atitudes contidas de Geraldo, que se vê, de repente, sem a mesma liberdade que sempre teve dentro da própria casa, quando Levih passa a habitá-la. Já este, não pode comentar sobre ser *bug-chasing*, afinal, se sexualidades e práticas sexuais periféricas já são vistas com maus olhos, seria ainda mais difícil assumir socialmente seu desejo de contrair o HIV. Apesar deste silêncio, ao menos a homossexualidade é vivida abertamente por Levih. Mesmo que seus pais não a aceitem, obrigando-o a morar com o tio, o jovem se recusa a esconder este âmbito de sua vida.

Na cena 33 do roteiro, que se passa no CTA, uma senhora presume que, por ser gay, Levih deveria ter transado com tantos homens diferentes, que não saberia ao certo quem poderia tê-lo transmitido alguma IST. Este momento da cena se relaciona à minha percepção da expectativa de que gays e travestis sejam promíscuos por natureza.

Pensando as estratégias de poder, como as instituições que as fazem valer, senti a necessidade de trazer, para o roteiro, a religião como personagem. O fato de Sade e Foucault, cada qual à sua maneira, citarem a Igreja como um dos centros de produção das forças discursivas que regem, ainda hoje, o sexo em nossa sociedade, se mostrou definidor para que a instituição integrasse a história. Além de pais hipócritas, que usam da palavra de Deus para validarem sua homofobia para com Levih, esbocei Geraldo como uma pessoa altamente influenciada pelo discurso religioso. Mesmo sendo gay e soropositivo, Geraldo sente-se tão errado por ser quem é, que prefere esconder do mundo (e, em vários níveis, de si mesmo) sua verdade, entendendo ser isso o que Deus espera dele.

Considerarei, porém, que esta representação não bastava. Como Sade defende, o único jeito de destruímos o potencial repressivo e alienante da religião é ridicularizando-a. Não se trata, aos meus olhos, de agredir a fé dos cristãos, mas de pontuar que, dentro desses espaços, há hipocrisia e doutrinações perigosas, que excluem e desvalidam corpos e subjetividades. Então, criei o canal de televisão Rede Milagre. Pensei-a a partir da caricatura, aproveitando que já havia outros elementos fantasiosos no roteiro. Dessa forma, nada que ali fosse dito pareceria descabido, e seria compreendido como uma releitura. A Rede Milagre é uma sátira à Igreja enquanto espaço alienante e que permite a circulação de muito dinheiro. Em todo o curta, optei por referenciar a Igreja Evangélica, por entender que, no cenário brasileiro, a força coercitiva e discursiva desta é mais representativa. Um exemplo desta força é a existência de uma frente parlamentar evangélica no Congresso Nacional.

A comparação da Igreja a um programa de auditório tem como propósito vincular este espaço sagrado a um local de puro entretenimento, onde a seriedade não é requisitada. A escolha de inserir, no programa, o quadro em que os convidados têm de adivinhar o complemento do salmo foi uma brincadeira para questionar se conhecer o texto da Bíblia implica em ter sensibilidade perante o ser humano, como parece ser a lógica aplicada pela Igreja e, principalmente, pelos fanáticos religiosos, quando querem desvalidar a atitude de alguém através “das palavras de Deus”. É a força discursiva sobre o sexo e as sexualidades, a partir do instrumento estratégico da religião, que ainda hoje convence inúmeras pessoas que sexo se trata de certo ou errado, quando Sade acredita no instinto da natureza que habita cada um de nós, e Foucault pensa o sexo como depósito de criatividade.

Se tratando de um filme que aborda o *bug-chasing*, nos encaminhamos para o próximo

elemento simbólico de **O Caça-Insetos**: a relação entre Levih e Carlos. Diferente dos curtas narrativos “*Chaser*” (2012) e “*Bug Chaser*” (2013), meu objetivo não era dar enfoque somente ao *bug-chaser*, afinal, a relação só é possível se houver um *gift-giver* disposto a passar o vírus adiante. Logo, achei importante que este fosse um personagem significativo. Partindo do meu desejo de comparar a relação destes indivíduos àqueles envolvidos no sadomasoquismo, mais do que retratar a relação de consentimento entre as partes, eu busquei criar outra esfera relacional entre os dois que incitasse o masoquismo de Levih e o sadismo de Carlos. O jovem está sempre disposto a estar próximo de Carlos, como numa tentativa de entrega emocional, mas há sempre uma recusa por parte de Carlos. Este enxergava a relação dos dois como um mero acordo sexual, com ocasionais momentos afetivos, enquanto Levih tentava construir uma relação afetiva propriamente dita. É importante ressaltar que não se trata da busca pela monogamia, mas pelo afeto. Pelo que pude ver nos documentários de que me vali para construir o personagem, assim como pude ouvir de Papa Jay, um dos grandes motivos de um *bug-chaser* se iniciar na prática é a busca reconfigurada pelo afeto. Alguns dos depoentes de “*The Gift*” (2003) ressaltam que pensavam que se tornar soropositivo faria com que aqueles à sua volta se relacionassem com ele de forma mais afetuosa e presente. Esta busca por afeto não correspondido é uma das inscrições do masoquismo em Levih.

O complemento desse masoquismo reside na própria busca pelo vírus. Ao conversar com Levih sobre seu desejo de se tornar soropositivo, e passar informações sobre a festa de soroconversão, é possível ver, também, a faceta sádica de Carlos, no sentido de que ele sabe como é viver com HIV, e poderia questionar a expectativa do parceiro sexual com relação à soropositividade. A maneira como eles se conheceram não integra o roteiro, mas acredito que seja possível imaginar que o primeiro contato dos dois ocorreu em função da relação de *bug-chasing*. O que ressalta, mais uma vez, o caráter consentido desta prática, aproximando-a do S/M.

Neste roteiro, devido a suas peculiaridades, optei por cenas de sexo em que o ato não fosse colocado em foco. Não por um puritanismo ou moralismo, até porque me sinto orgulhoso de perceber como me atento, cada dia mais, às estratégias discursivas do sexo, para fazer escolhas que façam sentido pra mim. Não tenho vergonha do sexo e acho que ele deva ser celebrado. Mas, ao falar de *bug-chasing*, prática que vai muito além da mera criatividade colocada a serviço do prazer, sinto que cenas com muita ênfase no ato sexual poderiam desfocar da discussão central, e suscitar uma atmosfera atrativa, que não estaria de acordo com a proposta discursiva. Dessa forma, escolhi inserir atos sexuais, sem fazer deles o foco da cena. Em um caso, o ato é audível, mas não

visível para o espectador. Em outras situações, ele é apenas inferido, indicial. Na cena final, em que acontece a festa de soroconversão, da qual Levih participa, o roteiro dá indicações de enquadramento e movimento de câmera, de forma que os vários homens mantendo relações sexuais no chão da sala fiquem em segundo plano. Nesta cena, as costas do garoto estão no centro do enquadramento, em primeiro plano, e câmera caminha em direção ao teto, para colocar em quadro a caixa e os insetos que tomam conta do nível superior da sala. Os corpos em segundo plano se tornariam uma miscelânea humana, criando um paralelo visual entre estes e os insetos no teto do local da festa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este projeto, que inclui o roteiro para curta-metragem “O Caça-Insetos” e o memorial sobre o processo de idealização e produção deste, acredito ter alcançado meus objetivos. Primeiramente, compreendo o Trabalho de Conclusão de Curso como o fechamento de um ciclo; dessa forma, nada mais justo do que ele conter os momentos mais relevantes e importantes da minha construção intelectual durante este período. Sei muito bem que tenho como desejo falar de cinema, assim como realizá-lo, mas sei que os cinco anos de UnB me levaram, inevitavelmente, até essas discussões. Sei, também, que o HIV/AIDS é algo que me afeta verdadeiramente, e pretendo contribuir para que avancemos nas discussões que as tangenciam, como também na produção de um cinema ético em relação às representações de pessoas LGBTQ e soropositivas.

Em relação ao paralelo entre o *bug-chasing* e o sadomasoquismo, acho que o roteiro tem potencial para trabalhar a discussão, assim como da estigmatização dos soropositivos e LGBTQ’s, mas estou aberto a sugestões para que eu possa melhorar o produto, e, quando for realizá-lo, ter em mãos o roteiro mais potente que ele pode ser.

Minha pesquisa com relação ao HIV, às sexualidades periféricas, ao S/M e ao *bug-chasing* foi extremamente estimulante para mim e para minha criatividade perante o mundo e meu corpo. Sei que os esclarecimentos que busquei para compreender melhor as problemáticas deste trabalho contribuíram para meu crescimento enquanto pessoa, enquanto gay, e enquanto ser discursivo.

Finalizo a graduação em Audiovisual com a certeza de que, mais do que nunca, temos a missão de semear discursos de amor, de respeito e resistência! Numa sociedade tão facilmente impactada pelos produtos midiáticos, cabe a nós ter como objetivo produzir aquilo que ainda precisa ser dito, até que, um dia, não seja mais necessário.

8. REFERÊNCIAS

8.1 Bibliografia

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 13ª Ed, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault, uma entrevista**: sexo, poder e a política da identidade. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Revista Verve, Nº20, 2011.

SADE, Marquês de. **A Filosofia na Alcova** ou Escola de Libertinagem. Brasília, Editora Thesaurus, 5ª Ed, 1999.

UNAIDS (a). **Reaching out to men and boys**: Addressing a blind spot in the response to HIV. 2017. Disponível em: <http://www.unaids.org/sites/default/files/media_asset/blind_spot_en.pdf> Acesso em: Novembro de 2018.

UNAIDS (b). **Retrospectiva 2017 UNAIDS**. 2017. Disponível em: <https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Retrospectiva-2017-UNAIDS_160618_web.pdf> Acesso em: Novembro de 2018.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1969.

8.2 Filmografia

THE GIFT. Direção: Louise Hogarth. Estados Unidos, Dream Out Loud Productions, 2003 (62min).

CNN interview with director of controversial “The Gift”. 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Suz1-l6PwZo>> Acesso em: Novembro de 2018.

NO Sigilo. Direção: Alice Jardim e Ricardo Corrêa. Brasil, ProAc LGBT/2016, Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 2017 (15min).

BUG Chaser. Direção: Ian Wofley. Estados Unidos, Anything Is Possible Productions, 2012 (20min).

CHASER. Direção: Sal Bardo. Estados Unidos, Always Rhysing Productions, 2013 (15min).

ATA-ME!. Direção: Pedro Almodóvar. Espanha, El Deseo, 1989 (101min). Título original: ¡Átame!.

DE Olhos Bem Fechados. Direção: Stanley Kubrick. Reino Unido / Estados Unidos, Warner Bros. / Stanley Kubrick Productions, 1999 (159min). Título original: Eyes Wide Shut.

MADONNA: Erotica. Direção: Fabien Baron. Estados Unidos, Maverick Films/Records, 1992 (5min).

SALÒ ou 120 Dias de Sodoma. Direção: Pier Paolo Pasolini. Itália / França, Produzioni Europee Associate / Les Productions Artistes Associés, 1975 (117min). Título original: Salo ou les 120 journées de Sodome.

ANEXO A - Roteiro

O CAÇA-INSETOS
Por Hugo Aurélio

3º Tratamento

Brasília
2018

#1. EXT. FACHADA DO CTA - DIA

Plano de ambientação do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA).

#2. INT. SALA DE ESPERA CTA - DIA

LEVIH (22) está de frente para o balcão onde fica a RECEPCIONISTA (40). LEVIH observa um papel com resultado de exame de *status* sorológico, que segura em suas mãos. No papel, lê-se positivo para HIV. Uma mosca pousa no balcão. RECEPCIONISTA pega alguns papéis e os enrola formando um cilindro, que ela usa para matar a mosca em um só golpe. No momento em que ela acerta o inseto, LEVIH se assusta e desvia a atenção do que lia para a colega de trabalho. LEVIH, então, caminha para a sala de atendimento, passando pela sala de espera, onde o paciente CARLOS (40) o olha e sorri de canto de boca. LEVIH, desajeitado, retribui o sorriso e continua andando.

#3. INT. SALA DE ATENDIMENTO CTA - DIA

A sala é apertada, com uma mesa próxima à porta, duas cadeiras, uma do médico e outra do paciente, um armário no canto e um porta-chapéus ao lado. LEVIH está sentado à mesa, usando jaleco de médico. Ouve-se a RECEPCIONISTA chamando o próximo paciente para ser atendido.

RECEPCIONISTA (VOZ OFF)

Senha 34. No corredor, primeira porta à direita.

LEVIH se levanta da cadeira no momento em que a porta se abre. CARLOS entra na sala com os cabelos e o casaco molhados.

CARLOS

Bom dia, doutor.

LEVIH estende a mão ao paciente.

LEVIH

Bom dia.

Eles apertam as mãos e se olham longamente.

LEVIH

A chuva te pegou, ein!

CARLOS

Ah, é. Eu vim a pé e saí de casa sem guarda-chuva. Achei que não fosse chover.

LEVIH contorna a mesa e faz sinal para pegar o casaco. CARLOS se vira de costas, permitindo que LeviH tire seu casaco e o estenda no porta-chapéus.

CARLOS
Eu senti sua falta.

LEVIH
Sentiu?

Os dois se aproximam subitamente, deixando os corpos colados e se preparam para um beijo. A RECEPCIONISTA entra sem bater à porta, fazendo com que os dois se separem abruptamente. Ela estranha o clima na sala.

RECEPCIONISTA
Doutor, chegaram mais duas pacientes. Pode encaminhar pro exame ou não dá mais tempo?

LEVIH
(sem graça)
Quantos ainda têm na fila, Lúcia?

RECEPCIONISTA
Tem mais quatro.

LEVIH
Pode deixar, sim. Mas só essas duas. Tenho que ir embora daqui uma hora.

LÚCIA olha com julgamento para Carlos, em seguida para Levih, e deixa a sala, batendo a porta. LEVIH e CARLOS finalmente se beijam. A câmera deixa o recinto, atravessando a porta e segue pelo corredor, se afastando da sala de atendimento.

#4. INT. QUARTO - MANHÃ

LEVIH acorda no susto. Ouve-se o PAI (45) bater à porta e falar em tom de voz alto e agressivo.

PAI
Acorda, Levih. Cê tá atrasado, já são cinco e quinze.

LEVIH olha ao redor, ainda muito sonolento.

LEVIH
Já levantei! To me trocando.

MÃE (40) abre a porta do quarto sem bater, assustando LEVIH, que, ainda deitado, puxa a coberta para tampar a região da pélvis, indicando que ele tinha uma ereção. MÃE só coloca o rosto para dentro do quarto.

MÃE
Tchau, filho. Com fé em Deus vai dar tudo certo!

#5. INT. COZINHA - MANHÃ

PAI está sentado à mesa tomando café da manhã. LEVIH toma café de pé, às costas do pai.

PAI
Já arrumou tuas coisas?

LEVIH
Ontem eu deixei a mala pronta.

PAI
Ótimo. É pra você sair antes da sua mãe voltar do serviço.

LEVIH
Vou tentar sair mais cedo do mercado.

PAI
Tô fazendo isso pro seu próprio bem. Geraldo vai poder te ajudar. Te ensinar umas coisas boas. Se Deus quiser logo logo cê tá de volta...

LEVIH
O tio Geraldo já sabe que eu vou hoje?

PAI
Sabe, sim.

LEVIH engole o café. Pai e filho não trocam nenhum olhar.

#6. EXT. RUA - MANHÃ

Está bastante escuro. LEVIH anda desatento, quando um ponto luminoso passa rapidamente por ele e some. LEVIH para, confuso, procura o objeto, mas, não o encontrando, volta a andar, desconfiado.

#7. INT. MERCADO - MANHÃ

LEVIH etiqueta os produtos na prateleira do mercado. SARAH (20) entra no corredor e vai em direção ao colega de trabalho.

SARAH
O que cê vai fazer hoje, Levih?

LEVIH
Como assim?

SARAH
Uai, de noite, né. Já tem compromisso?

LEVIH a olha com estranhamento.

SARAH

É aniversário do Serginho. A gente tá combinando de beber lá no Chico hoje à noite. Quando acabar o expediente a gente sai.

LEVIH

Ah, hoje não dá. Eu vou pra casa do meu tio.

SARAH

Festa de família?

LEVIH

Não é bem isso... Eu vou me mudar pra lá.

SARAH fica desanimada, mas não insiste.

SARAH

É aquela história dos seus pais? Eles te expulsaram de casa, Levih?

LEVIH

Foi. Mas não precisa falar alto. Não quero que todo mundo fique sabendo.

SARAH

Desculpa... Mas pelo menos esse seu tio é legal?

LEVIH

É e não é. Uma bicha enrustida, que só vive na Igreja. Ele era muito legal quando eu era criança. Mas hoje em dia eu nem sei.

#8. INT. COZINHA - TARDE

LEVIH faz uma ligação, de pé na cozinha da casa de seus pais, uma mala ao seu lado. A chamada cai na caixa de mensagens, e LEVIH, frustrado, guarda o celular. LEVIH pega uma chave em seu bolso e deposita na mesa da cozinha. Ele sai do cômodo com sua mala, e ouve-se a porta de entrada da casa se fechar.

#9. INT. ÔNIBUS - NOITE

LEVIH está em pé no ônibus bastante cheio. Ele segura a mala com as pernas e se firma com as mãos na barra de segurança da condução. Um inseto pousa em sua testa. Com uma das mãos, LEVIH o espanta, mas o inseto volta a aparecer. Os dois se mantêm nessa dinâmica por um tempo, até que LEVIH avista algo pela janela e se apressa a pegar um papel em seu bolso. Ali está escrito o endereço de seu tio. O garoto olha o papel e, então, pede que o motorista pare.

#10. EXT. RUA - NOITE

LEVIH anda pela rua escura carregando sua mala, quando o pequeno ponto luminoso reaparece à sua frente. O reflexo de LEVIH é espantá-lo de perto de seu rosto, como se fosse o inseto novamente. Ao perceber, porém, que se tratava do objeto peculiar, o rapaz tenta alcançá-lo. Sua mala pesada faz com que o ponto rapidamente se distancie e suma. LEVIH para por alguns segundos, tentando entender o que se passara.

#11. INT. SALA DE TV / CORREDOR / QUARTO DE HÓSPEDES - NOITE

A campainha toca e GERALDO (38) abre a porta. LEVIH está do lado de fora do apartamento, segurando sua mala.

GERALDO
Oi, meu filho. Pode entrar!

LEVIH
Oi, Geraldo.

LEVIH entra na sala e repara a televisão ligada, transmitindo o culto.

GERALDO
Acho que tem uns dez anos da última vez que eu te vi.

LEVIH
Até mais, se brincar.

GERALDO
Você quer deixar sua mala lá no quarto?

LEVIH
Pode ser.

Os dois caminham pelo corredor, e entram no quarto de hóspedes. Há algumas caixas espalhadas pelo cômodo apertado, revistas e objetos empilhados, e uma cama ao centro.

GERALDO
Não repara a bagunça. É que eu não tinha onde colocar essas coisas. Mas ali cabe a sua mala, e você vai se ajeitando ao longo dos dias.

#12. INT. SALA DE TV - NOITE

LEVIH e GERALDO comem assistindo ao culto. Após longos segundos em que só se ouve o pastor na televisão, GERALDO puxa assunto.

GERALDO
Sua mãe me contou que você tá trabalhando.

LEVIH

Achei que ela não falasse com você...

GERALDO fica constrangido e volta-se para a televisão.

LEVIH

Não quis te ofender. É só que eu achei estranho eles me mandarem pra cá.

GERALDO

Você tá passando por uma fase difícil, eu entendo. Mas seus pais têm mais dificuldade de lidar com isso.

LEVIH

Eles têm dificuldade, mas quem sai de casa sou eu?

...

Eu to trabalhando, sim. Num mercadinho. Amanhã, vou cedo pra lá inclusive.

GERALDO termina de comer e se levanta.

GERALDO

Pode recolher seu prato?

LEVIH

Deixa que eu lavo!

GERALDO

Não precisa. Só hoje... Como presente de boas vindas.

LEVIH agradece e entrega o prato. GERALDO sai do local. LEVIH observa, à televisão, o pastor falar fervorosamente.

#13. INT. QUARTO DE HÓSPEDES - NOITE

Quase não há espaço no quarto, que está tomado por caixas. LEVIH está deitado na cama, mexendo no celular. No aparelho, está aberta a conversa de *whatsapp* de Levih e Carlos, e vê-se mensagens que Levih enviara cedo e ainda não havia respostas de Carlos. LEVIH desliga o celular e tenta dormir.

#14. EXT. RUA - MANHÃ

A rua ainda está escura. LEVIH caminha para o trabalho, ainda sonolento, quando o ponto luminoso reaparece em sua frente. Ao confirmar se tratar do mesmo objeto que vira anteriormente, LEVIH começa a correr atrás da luz.

#15. INT. MERCADO - DIA

LEVIH está suado e ofegante, quando começa a juntar caixas de papelão e organizá-las em um canto da loja.

SARAH

Menino do céu, parece que cê viu fantasma.

LEVIH

Eu vim correndo, só isso.

SARAH

E como foi ontem no seu tio?

LEVIH

Tá tranquilo por enquanto. Fora o fato de eu estar dormindo no meio de um monte de tralha dele. Aposto que ali tem coleções e coleções de CD gospel.

CORTA PARA:

#16. INT. BANHEIRO - DIA

GERALDO ouve música gospel enquanto toma banho e cantarola junto.

VOLTA PARA: #15

SARAH e LEVIH riem.

#17. INT. SALA DE TV / CORREDOR - DIA

GERALDO está apenas de toalha na sala de tv, logo após sair do banho, com um copo d'água em suas mãos. Ele descansa o copo sobre o raque da televisão. GERALDO agacha-se e abre um compartimento do móvel, de onde tira uma pilha de CD's e, por detrás desta, uma caixa de papelão. Desta caixa, GERALDO retira três frascos de comprimidos. Ele abre um a um, pega um comprimido de cada, e os ingere com ajuda da água. GERALDO guarda os três frascos na caixa, devolve-a para o armário e a esconde com a pilha de CD's.

#18. EXT. PORTA DO MERCADO - FIM DE TARDE

LEVIH, de mochila nas costas, se despede de Sarah e os outros colegas à porta do mercado.

#19. EXT. RUA - FIM DE TARDE

LEVIH anda pela rua ao entardecer, com o celular no ouvido. A chamada

dá na caixa de mensagens, e Levih grava um recado para o tio.

LEVIH

Geraldo, vou com uns amigos do trabalho para uma festa. Lá acaba tarde, então eu não vou dormir aí hoje. Boa noite pra você. Até amanhã!

Em seguida, LEVIH guarda o celular na mochila. Enquanto o rapaz anda, o ponto luminoso reaparecer e flutua, errante, à frente de Levih, que começa a segui-lo, cada vez mais rapidamente. Seu olhar explicita que ele, dessa vez, está determinado a não deixar o ponto luminoso escapar. LEVIH corre algumas ruas atrás da luz, até que ela, inesperadamente, se apaga. Nesse momento, o garoto se encontra à frente do CTA.

#20. INT. SALA DO APARTAMENTO DO CASAL - NOITE

LEVIH e CARLOS estão no apartamento de um casal de homens, amigos de Carlos. CARLOS (40) dorme pelado no canto do sofá, que está virado para a sala de estar do apartamento de um casal. CARLOS estaria completamente nu, não fosse por uma amarração com cordas em seu peitoral. Ouve-se gemidos do casal, indicando que estes fazem sexo. Eles estão à frente do sofá, mas não é possível vê-los, pois apenas Carlos e Levih estão em quadro. No canto do sofá oposto ao de Carlos, está Levih, olhando com tédio para Carlos.

HOMEM

Vem, guri. Ele tá grogue demais. Não acordar tão cedo...

LEVIH nem responde o casal. Só de cueca, ele se levanta, pega um copo de bebida numa mesinha ao lado do sofá, e segue pelo corredor que leva aos quartos.

#21. INT. SALA DE TV / CORREDOR - NOITE

GERALDO assiste à televisão, quando percebe um barulho próximo dali. Ele, então, abaixa o volume da tv para ouvir melhor o ruído. Torna-se perceptível o zumbido de insetos. GERALDO caminha da sala para o corredor, procurando a origem do barulho. À medida que ele anda, o zumbido aumenta. GERALDO para em frente à porta do quarto de hóspedes, onde o barulho se torna ainda mais forte. Ele olha, hesitante e assustado, para a porta.

#22. INT. SALA ERÓTICA - NOITE

LEVIH entra em um quarto repleto de objetos sexuais: consolos, cordas, ganchos, uma poltrona erótica, uma cadeira com presilhas para os braços e pernas, e uma prateleira com objetos variados, alguns deles pontiagudos. LEVIH dá um gole na bebida, então deposita o copo na prateleira e pega um dos objetos pontiagudos. LEVIH guia a lâmina pela

pele do braço até o rosto, de olhos fechados, a respiração intensa.

CORTA PARA: INT. SALA DO APARTAMENTO DO CASAL

CARLOS continua dormindo, e ainda ouve-se gemidos do casal na sala.

VOLTA PARA: INT. SALA ERÓTICA - NOITE

LEVIH larga o objeto no chão e continua sentado. Ainda se ouve gemidos do casal vindos da sala do apartamento.

#23. INT. MERCADO - MANHÃ

LEVIH está sentado numa cadeira próxima à porta do mercado, escorado no próprio braço, com dificuldade de manter-se acordado. SARAH se aproxima do colega.

SARAH

Levih, psiu. Melhor cê levantar, a patroa tá te olhando.

LEVIH olha para o último caixa, de onde DONA CÉLIA (55) o observa com reprovação. LEVIH se levanta de supetão.

CORTA PARA:

LEVIH e SARAH andam por um dos corredores do mercado, a moça com uma prancheta e o garoto empurrando um carrinho com produtos. À indicação de Sarah, LEVIH distribui as mercadorias pelas prateleiras.

SARAH

Ficou até tarde na rua também, foi?

LEVIH

Quê?

SARAH

Para de graça, Levih. Cê tava quase dormindo ali.

LEVIH

Ah, é que eu dormir de mau jeito. Nem deu pra descansar.

SARAH

Bota esses da promoção mais pra frente. E os outros pode descer pra prateleira de baixo.

...

E quem não te deixou descansar foi aquele *boy* que cê tava vendo?
Márcio, Fábio, como que é?

LEVIH

É Carlos. Mas eu já disse que não saí ontem. Fiquei na casa do meu tio.

SARAH

E o que cês fizeram de bom?

LEVIH

A gente assistiu tv. É um saco, ele só assiste canal religioso.

SARAH

Eu perguntei o que você fez de bom... *(ela ri)* Rede Milagre! Povo lá de casa só assiste esse canal também. Se eu tento mudar de canal, é capaz da minha vó cometer um crime.

INSERT: TELEVISÃO - REDE MILAGRE - PROGRAMA DE AUDITÓRIO

No canto inferior esquerdo da tela, lê-se "COMPLETE O SALMO", ao lado do logo da Rede Milagre. O APRESENTADOR (40), está de pé, ao lado de um tanque com um líquido amarelado. Acima do tanque, há uma prancha de madeira, onde o CONVIDADO 1 (35) está sentado. Ao lado do apresentador, há outras pessoas - homens e mulheres - que aguardam sua vez de participar do jogo.

APRESENTADOR

Salmo 70. Folguem e alegrem-se em ti todos os que te buscam; e aqueles que amam a tua salvação digam continuamente: engrandecido seja Deus. Eu, porém, estou aflito e necessitado; apressa-te por mim, ó Deus. Tu és...

Letra A: aquele que me tirastes das entranhas de minha mãe;

Letra B: o meu auxílio e o meu libertador;

Letra C: o Deus da salvação, e ao Senhor pertencem os livramentos da morte.

CONVIDADO 1

Me ajuda, meu Senhor. *(rindo de nervoso)* Sabe que eu não me lembro bem desse, rapaz... Mas eu sinto que é a letra C. Com a glória de Deus eu vou acertar.

O apresentador se vira para o Fantoche da BÍBLIA, que é um assistente de palco do programa.

APRESENTADOR

Vamos conferir aqui com nossa Bíblia Sagrada. E aí, o que dizem as Escrituras?

A BÍBLIA caminha até o Apresentador, e sussurra em seu ouvido.

APRESENTADOR

Errrrrou! A resposta correta era letra B, "Tu és o meu auxílio e o meu libertador"! Água nele, produção!

A tábua onde está sentado o Convidado 1 se vira, fazendo com que o homem caia no tanque. A plateia ri. Imediatamente, um contrarregra puxa o tanque onde está o Convidado 1, e outra contrarregra traz outro tanque para substituí-lo.

APRESENTADOR

Agora é a vez da nossa Ministra da fé adivinhar o salmo! Pode ir pra tábua, Ministra Clarice. Enquanto estão ajeitando tudo, roda o reprise do Conrado caindo, produção!

A cena do Convidado 1 caindo no tanque é reprisada em câmera lenta.

CORTA PARA:

#24. INT. SALA DE TV - DIA

GERALDO olha para a televisão e dá gargalhadas altas. Entre uma risada e outra, ele dá mais uma garfada no prato. Ouve-se a porta se abrindo e se fechando. LEVIH entra na sala, com a mochila nas costas.

LEVIH

Benção, Geraldo.

GERALDO

Deus te abençoe, meu filho.

Logo após cumprimentar o tio, LEVIH se direciona para o corredor, mas antes que o garoto pudesse sair, GERALDO chama sua atenção.

GERALDO

Calma, Levih! Não entra no seu quarto.

LEVIH

Por quê?

GERALDO

É que ontem apareceu uma coisa no teto.

LEVIH

Uma coisa no teto?

GERALDO

É... São insetos.

LEVIH retrocede alguns passos.

LEVIH

Insetos. Eu vou dar uma olhada.

GERALDO

Dá uma olhada lá... Mas vai com cuidado.

#25. INT. QUARTO - NOITE

LEVIH abre a porta do quarto e olha para o teto com espanto. Há uma espécie de caixa de marimbondo ao lado da lâmpada, com várias insetos voando ao redor. GERALDO para na porta, logo atrás de LEVIH, que se assusta com o tio.

GERALDO

Vai ter que mandar dedetizar esse quarto!

LEVIH

Mas como isso aconteceu do nada?

GERALDO

Se eu fosse você eu rezava sete 'Pai Nosso' hoje... Tá muito estranho isso aí.

...

Acho melhor você dormir na sala hoje.

LEVIH

Eu vou dormir fora.

GERALDO

Calma, Levih. Fora onde? Dá pra por o colchão na sala, ou no meu quarto. Cê mal ficou uma noite aqui!

LEVIH

Na Sarah, sei lá. Não tô nada a fim de lidar com isso agora. Foi mal, Geraldo.

LEVIH pega algumas roupas, põe na mochila e sai, deixando o tio desesperado.

#26. EXT. RUA - NOITE

LEVIH caminha por uma rua escura, já bastante ofegante, quando o ponto de luz surge novamente. Desta vez, a luz passeia por um terreno abandonado. Apesar de estar abandonado, não há lixo ou entulho no local, apenas bastante mato alto. LEVIH segue o ponto pelo terreno, até se deparar com uma espécie de trincheira, mais longa e mais funda que o normal. Um fino pedaço de madeira forja uma ponte que conecta um lado a outro do terreno. Perante o obstáculo, LEVIH pensa duas vezes, mas decide se aventurar pelo ponta da trincheira. A luz segue, tranquilamente, pela reta que cruza o terreno, até que se apaga. No escuro, LEVIH se percebe num lugar instável, e olha ao redor, sem compreender bem como aquilo acontecera.

#27. EXT. CALÇADA - NOITE

LEVIH toca insistentemente a campainha de uma residência.

CARLOS
Pronto.

LEVIH
Oi, Carlos. É o Levih. Desculpa vir sem avisar.

#28. INT. QUARTO DO CARLOS - NOITE

LEVIH está sentado na beirada da cama, a mochila no chão, ao lado de seus pés. CARLOS entra no recinto com um copo de água na mão. CARLOS entrega o copo para LEVIH, que dá pequenos goles.

CARLOS
Aqui!

LEVIH
Desculpa mais uma vez. Eu nem pensei em avisar. Tava com a cabeça cheia.

CARLOS
Sem problemas. Eu gosto quando você aparece de surpresa.

LEVIH ri, e CARLOS corresponde. LEVIH descansa o copo numa superfície próxima e se levanta. Os dois se beijam.

CARLOS
Agora eu que quero me desculpar. Eu bebi demais ontem. Acabei apagando no sofá. Os meninos me falaram que você ficou meio deslocado.

LEVIH
Tudo bem, acontece.

LEVIH volta a beijá-lo, mas é interrompido.

CARLOS
Eles são legais. Um dia a gente pode marcar um encontro melhor.

LEVIH
Eu não achei eles chatos, nem nada. Só não tive vontade.

...
E... eles só fodem com camisinha.

CARLOS
É... O lance deles é outro. É dominação e submissão. Achei que você fosse gostar.

LEVIH
Eu gosto. Mas sem camisinha eu gosto mais.

CARLOS
Safado!

Os dois voltam a se beijar e deixam seus corpos caírem na cama.

#29. INT. COZINHA - DIA

Na cozinha, CARLOS prepara o café-da-manhã. Enquanto a água ferve no fogão, CARLOS se serve um copo de água, abre um armário, pega comprimidos e os ingere.

#30. INT. QUARTO DO CARLOS - DIA

LEVIH está acordado, porém, ainda na cama. CARLOS entra no quarto segurando duas canecas de café e entrega uma a Levih.

CARLOS
Bom dia!

LEVIH
Ah, valeu. Bom dia!

CARLOS
O que você vai fazer hoje?

LEVIH
Eu tenho que resolver umas coisas em casa...

CARLOS
Eu tenho que encontrar um pessoal do trabalho daqui a pouco. Não lembro direito onde é sua casa, mas posso te deixar lá.

LEVIH
Na verdade eu tô morando aqui agora, com um tio. Meu pai me expulsou de casa.

CARLOS
Nossa, como foi isso, Levih? Você tá bem?

LEVIH
Ficar longe é melhor pra nós dois.

LEVIH se levanta, procura sua roupa jogada pelo quarto e se veste.

CARLOS
Te expulsou por você ser gay?

LEVIH
Me expulsou por ele ser babaca. Eles acham que morando com meu tio eu vou me aproximar de Deus...

Ambos bebem seus cafés.

LEVIH

Na verdade, você poderia me deixar em outro lugar?

#31. INT. CARRO - DIA

LEVIH está no banco do passageiro.

LEVIH

Aqui tá tranquilo.

CARLOS encosta o carro.

CARLOS

Vai ter uma festa no final de semana. A gente pode ir junto.

LEVIH

(rindo)

Seu casal de amigos careta vai também?

CARLOS

(também rindo)

Não. Essa festa é pra valer. Vão ter vários caras. Muita chance de ter gente não indetectável.

LEVIH

Obrigado pela carona. E sobre a festa, a gente se fala.

CARLOS

Deixa eu ir, então. Tô atrasado.

Os dois se despedem e LEVIH desce do automóvel.

#32. EXT. RUA - DIA

LEVIH olha, ansioso, para a fachada do CTA.

INSERT 2: TELEVISÃO - PROGRAMA JORNALÍSTICO

Na tela, lê-se a chamada: "Blogueiro chinês grava a própria morte em queda de arranha céu".

JORNALISTA

O rapaz escorregou do 62º andar quando tentava se segurar com apenas uma das mãos. Huan jie era conhecido na internet por escalar prédios altíssimos sem uso de nenhum equipamento de segurança, para gravar e publicar os vídeos em suas redes sociais. O acidente fatal aconteceu

enquanto ele filmava mais um de seus vídeo.

CORTA PARA:

#33. INT. SALA DE ESPERA CTA - DIA

MULHER

Mas como que faz uma coisa dessas sem equipamento de segurança?

LEVIH percebe que a MULHER (60), sentada ao seu lado, direciona a fala para ele, mas LEVIH olha apenas para a televisão e não responde seu comentário. Na sala há em torno de dez pessoas, entre homens e mulheres, tanto mais jovens, quanto mais velhos.

MULHER

Veio aqui fazer o que?

LEVIH

(desconfortável)

Exame.

MULHER

Mas veio por quê? Pegou alguma coisa?

A MULHER se aproxima de Levih e fala mais baixo.

MULHER

Minha neta tá com um corrimento amarelo. Aí eu tive que trazer ela, né.

...

E cê veio sozinho?

LEVIH não responde e continua olhando fixamente para a televisão. A MULHER percebe seu desconforto e a falta de resposta. Ela, então, vira-se para um rapaz sentado do seu outro lado e cochicha.

MULHER

Não deve nem saber com quem foi...

O RAPAZ ao lado olha feio para a mulher e vira-se na cadeira, ficando quase de costas para ela. LEVIH fala baixo, porém ríspido.

LEVIH

Eu tenho namorado, tá. Só vim sozinho porque ele tá no trabalho.

A MULHER faz uma expressão facial revoltada, como se estivesse sendo atacada, e volta-se para a televisão. LEVIH olha ao redor da sala como se tivesse ficado perdido. Atrás do vidro que separa a sala de espera do corredor que dá para a sala de atendimentos, LEVIH vê GERALDO se despedindo de um médico, e fica muito assustado. LEVIH se levanta imediatamente e olha para a sala, procurando um lugar para se esconder. Não vendo nenhuma possibilidade, LEVIH se agacha abaixo da televisão.

As outras pessoas, incluindo a MULHER, olham-no com estranhamento. Uma GAROTA (15) sai de uma outra porta e senta-se ao lado da MULHER, na cadeira que Levih ocupava. GERALDO, enfim, aperta a mão do médico e anda em direção à saída. Após alguns segundos, LEVIH se levanta cautelosamente, e confere, com muita descrição, se o tio ainda está ali. Ao confirmar a ausência do parente, LEVIH deixa o local.

#34. INT. SALA DE TV - NOITE

GERALDO e LEVIH estão sentados de frente para a televisão, que transmite uma missa.

LEVIH

Tio Geraldo, você foi no culto hoje cedo, certo?

GERALDO

Sim.

LEVIH

E mesmo assim você sempre assiste o culto na televisão também?

GERALDO

É que esse culto já é outro.

LEVIH

Não é tudo a mesma coisa?

GERALDO

O louvor nunca é demais, Levih.

LEVIH

Saiu de casa hoje de manhã? Além do culto, eu digo...

GERALDO

Hum... Depois do culto, eu passei no brechó da Igreja. Por quê?

LEVIH

Só jogando conversa fora mesmo.

Os dois se mantêm em silêncio por alguns instantes. Ouve-se apenas o sermão do pastor na televisão.

LEVIH

E como que tá de saúde, tio?

GERALDO

Ê ê! Isso tá esquisito, Levih. Não to te entendendo, não.

LEVIH

Sei lá. Eu fiquei pensando se não foi por alguma coisa relacionada a saúde que minha mãe parou de falar com você.

GERALDO

Eu e sua mãe somos um desentendimento sem fim. Desde muito cedo. Eu passei por algumas coisas quando eu era jovem, que... Digamos que algumas escolhas minhas me afastaram da família. E sua mãe era quem mais sentia raiva. Com o tempo eu mudei. Mudei muito. E sua avó, seu avô, o resto da família, todo mundo voltou a falar comigo. Só sua mãe que não. E seu pai também nunca foi com a minha cara.

LEVIH

Você não estranhou eles te pedirem pra me abrigar?

GERALDO

Estranhar, eu confesso que estranhei. Mas achei bonito eles recorrerem a mim, depositarem essa confiança. Pareceu uma tentativa de reaproximação, sabe?!

Por alguns segundos, os dois mantêm-se em silêncio. Ouve-se apenas o louvor.

LEVIH

Você sabe que eles querem que você me converta, né?

GERALDO

Bom, eu acho que eles querem que você repense algumas coisas.

LEVIH

Não! Eles acham que você vai fazer uma lavagem cerebral em mim. Enfiar a palavra de Deus guela abaixo. Pra que, um dia, eu acorde e não seja gay.

GERALDO

Calma, menino. Você ainda tá novo. Tem muita coisa pra processar. Tem muita coisa que você não entende ainda.

LEVIH

O que eu não entendo é como alguém acredita que dá pra virar hétero de um dia pro outro.

GERALDO

Olha, Levih. A vida é sua. Você quem decide o que você vive ou deixa de viver. Mas algumas escolhas têm consequências. Isso não é conversa pra agora. Já tá tarde. Mas a gente pode conversar disso amanhã.

...

E minha saúde vai muito bem! Aliás, o que não vai nada bem é a criação de marimbondo no seu quarto. Parece que aumentou. Repara como o barulho tá mais forte.

GERALDO muda o som da televisão, e os dois conseguem ouvir nitidamente o ruído dos insetos no quarto de hóspedes. LEVIH fica desanimado.

LEVIH

Segunda eu ligo no Controle Ecológico, quando eu voltar do trabalho.

#35. INT. QUARTO DE HÓSPEDES - NOITE

LEVIH abre a porta e se depara com o teto quase todo coberto pelo objeto que se assemelha à caixa de marimbondo. Agora, há mais insetos sobrevoando o quarto. LEVIH fecha a porta, para que eles não passem pro resto do apartamento, corre para a cama e cobre o corpo inteiro com o cobertor.

#36. INT. MERCADO - DIA

LEVIH conversa com CÉLIA, que escuta o funcionário enquanto olha um maço de papéis. São planilhas. LEVIH está com o corpo todo picado, especialmente braços e pescoço.

LEVIH

Então, Dona Célia... Eu to precisando ir no médico hoje. Mas tudo fecha antes de acabar o expediente. Eu queria saber se você poderia me liberar mais cedo.

CÉLIA

Poxa, Levih. Aí fica ruim, né. Assim você deixa a Sarah sozinha pra fazer todo o trabalho. Vamos fazer o seguinte...

Nesse momento, CÉLIA para de olhar os papéis e olha diretamente para Levih.

CÉLIA

Meu deus, menino! O que é esse tanto de picada? Você vai ficar todo inchado! Mas é claro que você precisa ir no médico. Isso é exceção, né, Levih. Você nem devia ter vindo trabalhar nessas condições. Pode ir. Aí me avisa amanhã como você tá, ok?

LEVIH

Obrigado, Dona Célia! Rolou uma infestação lá em casa. Hoje eu resolvo isso.

CÉLIA

Tá bom, meu filho. Vai com Deus.

#37. INT. SALA DE ATENDIMENTO CTA - DIA

LEVIH está sentado de frente para MARA (40) - a médica. Ela segura em suas mãos um papel. No canto da mesa, está uma caixa com preservativos, sendo que três preservativos foram previamente separados, deixados mais próximos do alcance da médica.

MARA

Bem-vindo, Levih. Prazer, eu me chamo Mara.

LEVIH
Bom dia, Mara.

MARA
Então, Levih. Você realizou a testagem pra sífilis, hepatites-virais B e C e a sorologia.

LEVIH
Certo.

MARA
Mas, antes de te passar os resultados, eu vou fazer uma entrevista rápida com você. São só algumas perguntas pra controle nosso.

LEVIH faz um gesto de consentimento com a cabeça. A cada resposta que Levih dá, Mara faz marcações em uma ficha.

MARA
Você tem alguma doença? Faz uso de algum medicamento?

LEVIH
Não.

MARA
Ok. Você faz uso de alguma droga recreativa, Levih? Legal e ilegal. Pode ser sincero comigo.

LEVIH
Eu bebo. E, às vezes, fumo maconha.

MARA
Alguma outra substância?

LEVIH
Ah, já experimentei outras. Mas não fico usando.

MARA
Certo. E que substâncias são essas que você já experimentou? Alguma injetável?

LEVIH
Cocaína, ketamina, LSD, extasy, MD, DMT. É... acho que essas.

MARA disfarça sua expressão de surpresa.

LEVIH
Ah! E peyote.

MARA
Ok, Levih... Ok.

...
Você tem relações com homens, mulheres ou ambos?

LEVIH
Homens.

MARA
Nesse último ano, você praticou sexo sem uso de preservativo?

LEVIH
Sim.

MARA
É frequente você fazer sexo sem camisinha?

LEVIH
Sim.

MARA
E você teve quantos parceiros nesse último ano? Pode contar tanto as relações com preservativo, quanto as sem.

LEVIH se mantém calado por alguns instantes, como se calculasse mentalmente.

MARA
Você diria que em torno de dez, quinze..?

LEVIH
É... Em torno de dez, quinze.

MARA
Certo. Bom, Levih. Essas perguntas são padrão e a gente tem que fazer pro paciente. Você sabe que é arriscado fazer sexo sem preservativo, especialmente quando se tem mais de um parceiro... É sempre bom reforçar. Agora já vou te passar os resultados.

LEVIH aproxima o corpo da mesa.

MARA
Você não reagiu a nenhum dos antídotos. Isso quer dizer que os seus quatro testes deram negativo, Levih. Sem sífilis, sem hepatites e sem HIV!

MARA sorri.

#38. EXT. RUA - DIA

LEVIH está parado de frente para uma lixeira próxima ao prédio do CTA. Ele joga no lixo o resultado dos exames e os preservativos que ganhara.

#39. EXT. TÚNEL - DIA

LEVIH anda por um túnel pouco iluminado. Quando já se aproxima da metade do túnel, o ponto de luz surge, e flutua rapidamente para frente. LEVIH olha para os lados, constatando estar sozinho no túnel. Então, persegue o ponto luminoso veementemente. Após correr um tanto considerável, LEVIH agarra o ponto com a mão. Ele fica alguns instantes parado, a respiração ofegante, então, junta as mãos e as mantém bem fechadas. LEVIH aproxima o olho, como se tivesse capturado um vagalume e quisesse apreciar seu brilho. LEVIH abre uma fresta entre os dedos, por onde se vê irradiar o ponto luminoso.

#40. INT. FESTA DE CONVERSÃO - NOITE

Há vários homens fazendo sexo, espalhados pelo chão de uma grande sala. O aglomerado de homens não é nítido no quadro. LEVIH é o único que se vê com nitidez. A câmera se aproxima dele, enquadrando suas costas, de forma que os atos sexuais que o rodeiam não se tornam ponto narrativo mais importante da cena. A câmera, então, caminha das costas de LeviH até o teto. No teto da sala, o mesmo objeto que se vê no quarto de hóspedes, semelhante à caixa de marimbondo, ocupa quase todo o teto da sala. Inúmeros insetos luminosos voam por todo o ambiente.

TÍTULO DO FILME APARECE EM TELA PRETA: "O CAÇA-INSETOS"

#41. INT. SALA DE TV - DIA

GERALDO está à porta de entrada do apartamento, se despedindo da equipe de Controle Ecológico. Todos uniformizados, alguns segurando equipamentos, saem em fila pela porta, cumprimentando Geraldo. O último FUNCIONÁRIO (39) se despede com um longo aperto de mãos.

FUNCIONÁRIO

Falou, Seu Geraldo. Obrigado pela hospitalidade.

GERALDO

Que isso! Obrigado por me ajudar aqui.

FUNCIONÁRIO

Foi um prazer!

GERALDO

O prazer foi meu!

GERALDO fecha a porta e suspira. GERALDO liga o som num volume alto, tocando "500 graus" de Cassiane e canta junto.

FIM.

ANEXO B - Storyline e Descrição de Personagens

O CAÇA-INSETOS

STORYLINE + PERFIL DOS PERSONAGENS

.STORYLINE

Após ser expulso de casa em decorrência da homofobia dos pais, Levih passa a morar com o tio Geraldo, que esconde sua sexualidade, assim como seu *status* sorológico. Através de uma relação pouco correspondida, Levih busca contrair o HIV. Mas esta deixa de ser sua maior angústia, quando, misteriosamente, uma pequena luz começa a segui-lo pelas ruas escuras, e insetos tomam conta de seu quarto.

.PERFIL DOS PERSONAGENS

Levih

O jovem Levih, protagonista de **O Caça-Insetos**, tem 22 anos, e vem de uma família evangélica de classe média baixa bastante preconceituosa. Levih é gay e, apesar de lidar bem com sua sexualidade, a discriminação que sofre em casa torna sua vida menos palatável. Após concluir o ensino médio, o garoto não entrou na Universidade, pois logo viu a necessidade de trabalhar. Com carteira assinada desde os 19 anos, seu plano sempre foi juntar dinheiro para sair da casa dos pais, e morar sozinho, onde ele pudesse se exercer enquanto pessoa, sem julgamentos.

O garoto trabalha num mercado pequeno, onde convive bem com os funcionários, mas só se sente próximo de Sarah, pela proximidade de idade e por poder comentar sobre homens e sexo. Ainda assim, a vida e os desejos mais íntimos de Levih sempre o ensinaram a manter-se mais calado e incógnito para com o mundo. Ele vive sua homossexualidade abertamente, mas opta por guardar para si suas práticas sexuais, justamente por entender o caráter controverso delas.

Apesar de não ser uma questão pontuada no roteiro - até pela densidade de discussões que seriam exigidas com o acréscimo do recorte racial - Levih é um garoto negro de pele clara, com mãe negra e pai branco, que nunca discutiram com o garoto sua ancestralidade. Isso se dá, em muito, pela repressão da Igreja Evangélica para com qualquer manifestação das matrizes africanas na cultura brasileira, especialmente no âmbito da espiritualidade.

Levih carrega consigo memórias de infância de uma criança-viada, sempre apontado por seus comportamentos tidos como afeminados, o que lhe conferiu, desde muito novo, a noção de ser gay. Por acaso, essa noção se confirmou. Mas seu mergulho na sexualidade foi bem mais profundo. Levih descobriu, dentro de si, uma pulsão masoquista, que o faz buscar prazer na dor, afeto na incerteza, deleite no risco.

Ele é um rapaz reservado, predominantemente calado, que só se expressa verbalmente em ambientes em que se sente confortável e livre, por exemplo, em seus encontros sexuais com homens soropositivos. Sua imaginação é bastante afluída, mas muito regida pelos preceitos moralistas que recebeu na educação religiosa. Mesmo que ele tenha se afastado do meio evangélico, tendo na recusa a declaração de sua visão em relação à Igreja, Levih ainda carrega toda a carga apreendida durante sua infância e adolescência. Carga esta que, muito provavelmente, influenciou a maneira como o rapaz canalizou parte de sua energia sexual para o masoquismo, numa espécie de satisfação punitiva.

O Caça-Insetos retrata um episódio da vida de Levih, em que o garoto é expulso de casa, confrontado pela homofobia do pai, e vai morar com um tio distante. Em meio a esse conflito, sua faceta *bug-chaser* é revelada por meio de metáforas visuais. Levih se excita com a possibilidade de contrair alguma IST, e enxerga na infecção pelo HIV uma solução para sua falta de pertencimento no mundo e a possibilidade de continuar a manter relações sexuais desprotegidas, sem ter a angústia de saber se contraíra ou não o vírus. São suas principais motivações para aderir à prática do *bug-chasing* (que é a prática do *barebacking*, com o intuito específico de buscar ativamente o vírus da AIDS).

O nome "Levih" foi dado ao personagem, como uma brincadeira com a terminação HIV, que, nesta palavra, aparece de trás para frente, ao final. O propósito era colocar o "hiv" na contramão do nome do protagonista, como que dificultando sua busca pela infecção, mesmo que, inevitavelmente, ele tivesse, nela, um fim.

Geraldo

Tio Geraldo, irmão da mãe de Levih, é um homem de 38 anos que mora sozinho num apartamento pequeno e leva muito a sério a vida religiosa. Ele frequenta assiduamente a Igreja Evangélica, e também assiste ao culto televisionado, além de escutar música gospel diariamente, o que lhe dá muita alegria.

Geraldo é homossexual e soropositivo, e foi muito reprimido pela família durante sua infância e adolescência. Criado na Igreja, aprendeu desde cedo que seus instintos sexuais eram errados e deveriam ser corrigidos. Mas ele só passou a ter esse pensamento como regra, quando contraiu HIV através de um relacionamento amoroso.

Não só o relacionamento não era aceito pelos familiares, como também seu *status* sorológico. Quando Geraldo contou para a família sobre o HIV, imediatamente, todos se afastaram dele. Na vivência solitária, Geraldo se condicionou ao isolamento e, assim, acostumou-se a utilizar seu espaço pessoal - materializado no apartamento em que vive - para conservar um pouco do que lhe fazia feliz na infância e juventude - comportamentos que eram vistos com maus-olhos pelos familiares. Mas sua conversão ao Evangelismo foi uma escolha pessoal - obviamente impulsionada pelo contexto em que ele cresceu - e, mesmo morando sozinho e sendo distante da família, Geraldo introjetou a ideia de que, para ser feliz e digno, deveria se aproximar da religião. Como resultado, ele deixou para trás a identidade homossexual, entrando numa espécie de celibato, e parou de comentar sobre a soropositividade. Dessa forma, sua família aceitou suas tentativas de restabelecer contato. Com exceção da irmã, que via no filho, Levih, projeções de algumas vivências de Geraldo,

de forma que ela optou por manter-se afastada.

Seus segredos são muito bem guardados pelas paredes do apartamento, mas são a prova de que, num emaranhado de hipocrisias, Geraldo optou por não viver suas verdades, em prol de manter uma vida social normativa. Se esconder é tanto um mecanismo de defesa, quanto uma consequência das normas sociais que forçam a homossexualidade e a soropositividade à marginalidade.

Geraldo deixa se afetar por Levih, quando o sobrinho passa a morar com ele. O apartamento, que era o único espaço onde ele poderia revisitar o passado que deixara para trás, não mais é reservado à sua intimidade.

Carlos

Carlos é um homem de 40 anos, solteiro, da classe média-alta, que mora sozinho em uma casa confortável. Ele tem uma vida sexual agitada, incluindo práticas de BDSM, e faz parte da comunidade *barebacking*. É soropositivo, mas, por tomar a medicação corretamente, sua carga viral é indetectável, o que permite que ele não transmita o HIV, mesmo em relações sexuais desprotegidas.

Carlos, no curta, é o *gift-giver* com quem Levih mantém relações sexuais, no intuito de se soroconverter. Enquanto Carlos vê em Levih apenas mais uma possibilidade de satisfação da libido, o garoto tenta construir uma relação afetiva que vá além do sexo. Tanto na não-reciprocidade, quanto na permissividade em transmitir o HIV, Carlos foi pensado em paralelo ao sádico.

Mãe e Pai

A mãe e o pai de Levih, de 40 e 45 anos respectivamente, têm pouco espaço no curta. Sua rápida participação tem como função narrativa conduzir Levih ao contato com o tio, que se mostra muito mais relevante para o roteiro.

Os pais do protagonista, muito ligados à Igreja Evangélica, entendem o mundo de forma extremamente preconceituosa, negando aos LGBTQ's o direito de exercitamento. Durante a infância de Levih, quando seu tio Geraldo contara à família que havia se tornado soropositivo, mãe e pai optaram por se manterem afastados do familiar, para que ele também não se aproximasse de Levih. Impossibilitar o contato com Geraldo parecia uma maneira de evitar que o filho tendesse a estes comportamentos - isto é, a homossexualidade.

Sarah

Sarah é uma garota negra e heterossexual de 20 anos, que mora na periferia e trabalha no mercado para ajudar a avó com o sustento da casa. Ela é extrovertida, bastante sociável e gosta muito de conversar. Sua participação no roteiro é pequena, pois não ocorrem grandes conflitos no mercado. A principal função narrativa da personagem é se relacionar com Levih em situações desvinculadas ao sexo. Trabalhando juntos, os dois puderam se aproximar, a partir dos esforços de Sarah, que quebra o silêncio de Levih e dá-lhe a sensação de receptividade.

ANEXO C - Questionário aplicado com “Papa Jay”

QUESTIONÁRIO

1. Since when have you been engaging on bugchasing?

Desde quando você pratica o *bug-chasing*?

2. Did you feel the motivation and then discovered what it was, or was the other way around (discovering about it and having the desire to do so)?

Você sentiu a motivação e depois descobriu o *bug-chasing*, ou ocorreu o caminho contrário?

3. Do you have fetiches / inclinations for bdsm? Ever engaged in these kind of sex practices?

Você tem fetiches / inclinações por BDSM? Já praticou algo do gênero?

4. This might be very personal, but, could you tell some of your experiences with gift-givers? How the involvement with the guy is etc..

Esta pode ser muito pessoal, mas, você poderia me contar algumas de suas experiências com *gift-givers*? Como é o envolvimento etc...

5. That might be a tough one to put into words... Can you try to describe what do you feel life would be like if you turned poz today?

Esta pode ser difícil de se colocar em palavras. Você poderia tentar descrever o que você sente que seria a vida caso você se tornasse soropositivo hoje?

6. Do you believe there could be a bugchaser that has nothing to do with bdsm or fetishes like that?

Você acredita que pode haver um *bug-chaser* que não se aproxime minimamente do BDSM ou fetiches semelhantes?